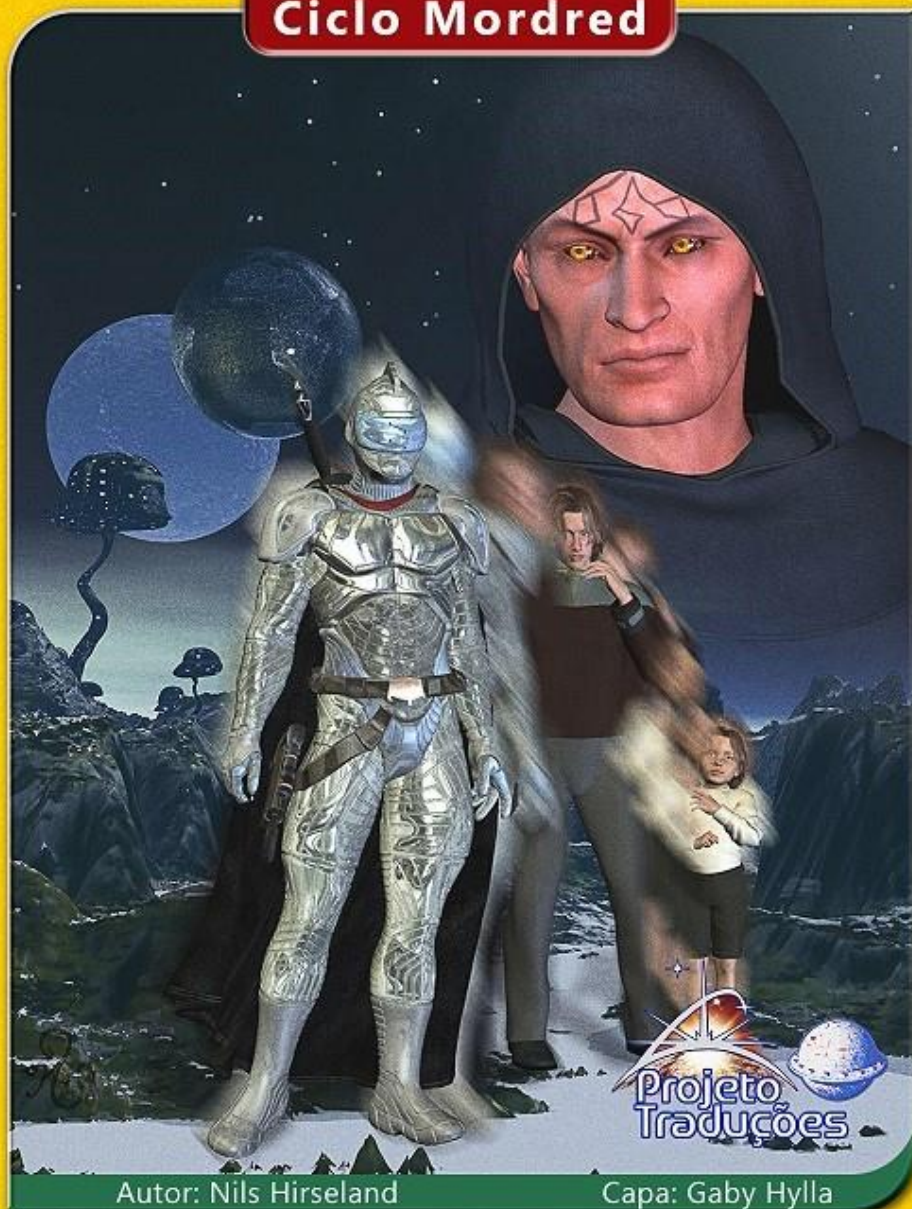


Ciclo Mordred



Autor: Nils Hirsland

Capa: Gaby Hylla

DORGON

nº 3

O Cavaleiro Prateado

O Filho do Caos Cumpre o seu Destino

www.projtrad.org/dorgon

DORGON

Fan-Projekt des Perry Rhodan Online Clubs

CICLO MORDRED

3

O CAVALEIRO PRATEADO



Nils Hirseland

IMAGENS DA CAPA
STEFAN LECHNER





Título original:

Der Silverne Ritter

Tradução:

Jorge Fraga

Revisão:

Márcio Inácio Silva

Marcos Roberto

Formatação final para liberação no Projeto Traduções:

Márcio Inácio Silva

Capa em português:

Manuel de Luques

Conversão para os formatos ePub, PDF e Mobi:

José Antonio

Publicação não comercial



O projeto Dorgon — ciclo Mordred — é uma publicação não comercial do PERRY RHODAN ONLINE CLUB e. V.

A tradução para o Português do Brasil é feita com autorização de Nils Hirseland.

Perry Rhodan® é uma marca registrada
Verlagsunion Erich Pabel – Arthur Moewig KG (VPM KG), Rastatt, Germany,
Star Sistemas e Projetos Gráficos Ltda., Belo Horizonte, Brasil

www.projtrad.org/dorgon
dorgon@projtrad.org

Índice

O que aconteceu até agora	6
Prólogo	7
Capítulo 1.....	10
Capítulo 2	15
Capítulo 3	19
Capítulo 4.....	21
Capítulo 5	22
Capítulo 6.....	24
Capítulo 7	26
Capítulo 8.....	29
Capítulo 9.....	36
Capítulo 10.....	39
Capítulo 11	44
Capítulo 12.....	47
Capítulo 13.....	50
Capítulo 14.....	55
Capítulo 15.....	58
Capítulo 16.....	60
Capítulo 17.....	61
Capítulo 18.....	64
Capítulo 19.....	68
Comentário.....	75
GLOSSÁRIO.....	76

O que aconteceu até agora

Em 1277 — Novo Calendário Galáctico — a situação na Via Láctea está tensa. A Liga dos Terranos Livres, o Império de Cristal e o Fórum Raglund são os principais blocos de poder na Galáxia. Eles desconfiam uns dos outros e a comunidade intergaláctica está em desacordo com o Galacticum.

Os portadores de ativador celular sob o comando de Perry Rhodan já se retiraram para Fênix, o antigo mundo dos livres-mercadores e fundaram a organização Camelot.

Este momento tumultuado viu o nascimento e crescimento de um menino de pouco mais de 12 anos. Seus pais e seus colegas — uma equipe de cientistas de Camelot — foram brutalmente assassinados. Isso foi parte de um plano, porque o menino é um filho do Caos. Seu destino é ser o Cavaleiro Prateado...

Personagens principais deste episódio:

Cauthon Despair

Um menino especial se transforma no Cavaleiro Prateado.

Perry Rhodan

O portador de ativador celular perde um amigo e ganha um novo inimigo.

Zantra Solynger

A camelotiana se torna o primeiro amor de Cauthon Despair.

Coronel Ibrahim el Kerkum

O governante de Mashratan abre o caminho para Mordred.

Cell Wirsal

O instrutor da Academia Espacial Port Arthur é sempre misterioso.

Prólogo

O 17 de novembro de 1275 NCG começou com uma mensagem trágica. O rico e conhecido empresário terrano Glaus Mulltok estava morto. Ele morrera num acidente de planador em Árcon. Mulltok, que tinha iniciado um relacionamento de negócio lucrativo com a organização de comércio Taxit, deixou a sua mulher arcônida Thorina e a sua filha de dez anos Rosan.

Os preços das ações de Noel Mulltok Árcon & Terra Corporation passaram naquele dia em baixa. A sua morte foi não só um destino individual trágico de uma família, mas teve consequências de longo alcance para os funcionários e a política da empresa. Mulltok era considerado um homem de conexão entre Árcon e Terra. A sua família não era apenas terrano-arcônida mas ele tentou acalmar um pouco a “Guerra Fria” entre as duas grandes potências. Seu contato com o Projeto Camelot, a organização dos portadores de ativador celular sob a égide de Perry Rhodan tinha, no entanto, trazido muitas críticas de ambos os lados.

Perry Rhodan expressou num comunicado as suas mais sentidas condolências, descrevendo Mulltok como um homem corajoso com honra e decência.

Chegou o fim de ano e eu, o meu irmão Borrom, a sua esposa Anne-Lee e a pequena Nataly celebramos o Natal em minha casa de campo. Foi uma celebração feliz. Eu tinha convidado a minha equipe e as suas famílias também.

Poucos dias depois, encontrei por acaso numa visita de estudo a Roma, um ex-aluno chamado Roland Kreupen. Muitos anos atrás eu tinha ensinado na Academia de Artes em Terrânia. Esta foi também uma das razões pela qual eu tinha me estabelecido mais tarde na Terra. As viagens entre Lingora e a Terra eram muito demoradas e desgastantes.

Mas ultimamente eu lecionava menos e só ensinava como professor convidado na Academia de Arte. Dediquei-me a escrever.

O menino atarracado e tímido tinha crescido e se tornado um homem que havia aceitado um cargo administrativo no Ministério das Relações Exteriores.

Kreupen suspirou sobre seu trabalho. Era a história usual de um dia útil estressado. Ele começava a trabalhar em estreita colaboração com a Liga Terrana. No entanto, ele queria me dar alguma informação adicional. Uma história de espionagem que eu sempre quis escrever. Infelizmente, o contato foi perdido de repente, porque Kreupen foi transferido para Terrânia.

Embora os meses frios do inverno tivessem seu apelo romântico, eu esperava ansiosamente pela primavera. No início de março de 1276 NCG fui surpreendido por uma mensagem de Árcon.

Spector Orbanashol casou com a viúva Mulltok Thorina. A herança e a participação da firma foram para as mãos de Orbanashol. Então vieram os arcônidas, provavelmente porque as ações tinham caído de cotação por meses. Após o casamento e a fusão de Glaus Mulltok Árcon & Terra Corporation com a *Poder e Economia de Árcon*, as taxas subiram imediatamente.

Poucos dias depois, a mídia anunciou uma parceria com o planeta Mashratan. Por outro lado, a empresa, para grande júbilo da imprensa terrana e arcônida, anunciou o fim das relações comerciais com a TAXIT.

A antipatia por Perry Rhodan, Atlan e seus companheiros ainda era muito

grande. Pelo menos nós estávamos falando dos meios de comunicação e governos. Eu duvidava que um cidadão terrano inteligente realmente abrigava uma antipatia para com Perry Rhodan.

Mashratan! Por que a LTL e o Império de Cristal focavam apenas nesse sistema de comércio? O coronel Ibrahim el Kerkum era um déspota, enquanto ele estava no poder. As pessoas eram oprimidas e viviam num mundo arcaico e sem educação.

Deus sabe que eu não tinha nada contra a religião. Na Itália a religião era importante e as discussões com o Papa em Roma, eu considerava agradável. O mesmo aconteceu com os meus encontros com muçulmanos, hindus e budistas, especialmente o clero. Mas também não deve ser comparada com Mashratan. Religião e governo restringiam a liberdade dos mashratanos e estavam limitando os seus pensamentos.

As reformas feitas por Perry Rhodan no primeiro século NCG tinham falhado depois da era Monos. Ele se preocupava com o mundo moderno e livre, mas esse não era o objetivo da maioria. O sistema Mashritun era rico em hiper cristais e o planeta escondia muitas outras commodities importantes. Todo mundo queria obter partes do bolo, então os governos, e os meios de comunicação aceitaram o déspota — e as características culturais — deste mundo.

Claro, cada mundo tinha o direito ao livre arbítrio. Mas certos princípios morais e direitos fundamentais não deveriam ser aplicados igualmente a todos os seres inteligentes nesta galáxia?

Tais discussões filosóficas, no entanto, não eram populares hoje em dia. Recentemente, tive uma disputa com a emissora trivídeo Terra Eagle-One, porque eu tinha condenado as teses do moderador Bekket Glyn numa avaliação de acompanhamento. Este homem tem pregado por vários anos contra extraterrestres, seguidores de Perry Rhodan e os Românticos Sociais, como ele os chamava.

Eu o havia censurado, por abusar de seu trabalho como um moderador para misturar as suas ideologias para as pessoas, o que foi uma tolice, pois seu diretor chefe Guy Pallance tinha excelentes contatos com os irmãos Willem e Michael Shorne, Jenmuhs e Orbanashol.

Portanto, não era de estranhar que Glyn em seus shows tenha elogiado mundos como Mashratan e o coronel Kerkum como um patriota reto e filantropo. De qualquer forma, Bekket Glyn pintou um cenário sombrio e ameaçado com um apocalipse, a menos que os descendentes dos lemurenses se unissem contra “blues” e outros “perigosos não humanoides”. Logo depois da fala de Glyn, as pessoas veem em cada esquina, em cada jardim e cada poça de água um criminoso blue.

Depois que eu expliquei a ele minha opinião objetiva, Glyn chamou-me em seu próximo show de língua de cobra e agente comunista do “fronte rhodaniano-blue”. Eu nem sabia que tal coisa existia.

Meu desejo de entrar em contato com Perry Rhodan, no entanto, continuou a crescer. Eu queria conhecer o famoso homem que merecia aos meus olhos pela primeira vez o título de “Primeiro Terrano”. Eu agora estava usando o meu relacionamento para estabelecer contatos com os escritórios da Terra em Camelot.

Em 28 de junho de 1276 NCG fui visitado por uma mulher atraente. Ela usava o cabelo escuro longo e olhou gentilmente para mim com seus olhos castanhos. O

nome dela era Gazh Ala Nagoti el Finya. Ela enviou saudações de Camelot.

Demorou algumas semanas antes de a jovem aparecer novamente. Nós conversamos um com o outro e decidimos confiar em nós. Então eu descobri que ela veio lá do planeta Mashratan, para conhecer um menino, que Perry Rhodan e Gucky haviam salvado. A sua descrição da opressão das mulheres e a liberdade em geral me chocou.

Foi interessante ouvir as suas opiniões. Ela também relatou que Glaus Mulltok, os Shorne, Uwahn Jenmuhs e Spector Orbanashol tinham estado lá. Aparentemente Rosan Mulltok e o jovem Cauthon Despair tinham sido sequestrados a mando dos dois arcônidas.

Lembrei-me de uma mensagem que eu tinha recebido de meus clientes de Camelot há alguns anos sobre a morte de toda a tripulação de uma espaçonave. O pequeno Cauthon Despair, ainda uma criança, fora o único sobrevivente.

A morte de Noel Mulltok parecia ainda mais misteriosa. Ou fazia sentido? E se não tivesse sido por acaso, mas sim um assassinato premeditado e frio?

Gazh Ala e eu mantivemos contatos soltos. Aparentemente eu tinha que ser reexaminado e testado. A sede de Camelot era secreta e Rhodan queria deixar por isso mesmo. Eu escrevi uma longa carta a Perry Rhodan e disse que sobre o meu estranho fenômeno em 1263 NCG, como um homem idoso tinha me pedido em sonho para fazer contato com Camelot. Infelizmente, além de meu cliente e velho conhecido Homer G. Adams, que raramente atendia, Gazh Ala era meu único contato com Camelot.

Talvez Perry Rhodan, apesar disso, ainda fizesse contato comigo.

A partir das crônicas

Jaaron Jargon

Capítulo 1

Decepções

Nós nos escrevemos em 17 de novembro de 1276 NCG. Foi uma data triste, porque desde um ano atrás eu não tinha notícias de Rosan. Ela tinha parado de me enviar hipermensagens.

Eu sabia que seu pai tinha morrido, mas isso agora fazia um ano. Eu entendia a sua dor. No entanto, não sei por que ela não queria mais contato comigo. Eu não tinha culpa. Mais uma vez, fiquei desapontado.

Gazh Ala muito raramente fazia contato. Eu pensava ser seu pequeno cavaleiro? Mas, desde então ela vivia na Terra e eu fui aparentemente esquecido.

Um ano e meio após a minha aventura em Mashratan eu estava de volta ao mesmo insignificante menino mal-amado de antes. Perry Rhodan também mal respondia. Dizia-se que ele estava ocupado com isto ou aquilo. Eu era inexistente para todos!

Tia Ivy e tio Tuzz eram tão descuidados e superficiais como sempre. Não estavam mesmo interessados com o que eu tinha experimentado, depois do meu regresso.

Apenas Robbie estava lá para mim. Ele era meu único amigo. Meu velho e esférico robô de uso doméstico me dava coragem. Mas tornou-se cada vez mais difícil. Eu odiava a escola e minha vida. Senti-me sem sentido. Oh, mas eu poderia ir imediatamente para a Academia. Eu tinha pedido a Wirsal Cell, mas ele só respondeu que eu teria que ter acesso normal à escola. Eu tinha a sensação de que Cell, Rhodan e Gucky estavam apenas se chateando porque eu queria ter contato com eles. Sim, eles não entenderam do que eu gostava e precisava? E que eu não tinha outra coisa a não ser eles e Robbie?

Por que ninguém realmente gostava de mim? Achei que tudo tinha sido superado, mas como tudo havia sido mudado tão abruptamente na minha vida que a volta para Mashratan não tinha mais sentido. Será que alguém tomaria conhecimento se eu morresse? Eu era apenas um fardo para todos. Presumivelmente, eles ficariam felizes internamente.

— Cauthon, está na hora. Você vai se atrasar — lembrou-me Robbie.

Olhei para o meu relógio e suspirei. Sim, mais uma vez, hora da escola.

Na escola, nada havia mudado. Eu ainda era a vítima preferida das piadas, provocando aqui e ali até mesmo um pontapé. Por meio ano após minha aventura em Mashratan tinha sido tranquilo, mas depois a maioria dos meus colegas tinha caído de volta para seus velhos hábitos.

É claro que, em primeiro lugar estavam Aleks Shyff e Krizz Hypp.

Eles se alternavam e faziam a cada intervalo piadas de mim. A escola agora era puro inferno para mim. Eles se aproveitavam de cada um dos meus supostos pontos fracos, a fim de fazer gozações.

Robbie pelo menos me ajudava. Ele me levava para a escola e buscava, de modo que eu não seria intimidado a caminho de casa por eles.

Na verdade, isso poderia ser feito até por tio Tuzz e tia Ivy, mas nem isso

faziam. Eu respirava fundo quando nós caminhávamos ao longo da estrada para a escola. Eu não olhei para os prédios, jardins ou o planador que passou sibilando. Com medo eu olhei para a escola. O prédio sinistro podia ser visto de longe, as suas três altas torres em forma de funil vermelho-cinzentas.

A cada passo o meu medo aumentava. O que poderiam os meus colegas de classe inventar de novo para me destruir? Eles gostavam. Quando eu ignorei, não foi melhor. Eles insistiram até que seu assédio mostrou seus efeitos.

— Não tenha medo, Cauthon! Uma hora estes tolos deixarão de provocá-lo — prometeu Robbie. — Concentre-se na aula, não ligue para eles e anime-se que eu irei vir te buscar.

Eu levei conselho de Robbie a sério. Ao longo das aulas fiz a mesquinhez de Aleks e Krizz passar ao largo de mim. Eu não me importava. Na classe ia tudo bem, mas as pausas eram o pior. Meus professores não entendiam e sempre quiseram saber sobre o fato de que eu estava sozinho e longe no parque infantil. Eles me deram claramente a culpa e olhavam para mim como um *nerd* que não deseja se incluir na própria comunidade de classe. Também ficou claro que eles não estavam do meu lado.

Finalmente acabou a aula e eu corri para fora. Robbie já estava esperando por mim, acenando com a mão direita. Corri até ele e o abracei. Por um breve momento o robô cambaleou um pouco da esquerda para a direita, então ele recuperou o equilíbrio.

— Bem, Clothon¹ — gritou Aleks Shyff atrás de nós.

Ele e Krizz Hypp nos seguiram. O que foi aquilo? Tão descarados, eles de fato nunca foram.

Krizz se adiantou e ficou ao meu lado. De repente, ele esbarrou em mim. Eu caí no chão rudemente. Os dois riram.

— Saiam, seus idiotas! — Robbie gritou.

Ele estendeu a braço de captura e me ajudou a levantar. Sacudi a sujeira das minhas calças e jaqueta.

Mas os dois não ficaram seriamente impressionados. Eles riram do robô. Mais uma vez, ele me agarrou, mas desta vez Robbie interveio. Seus braços de captura pegaram os dois pela gola. Ele levantou seus pés no ar e deixou que caíssem.

— Agora vocês sabem como é isso. Vão para casa, estudar e deixem Cauthon de uma vez por todas em paz — falou Robbie.

Levantei o punho ameaçadoramente.

— Exatamente! — exclamei.

Então eu pedi a Robbie para irmos o mais rápido possível de volta para casa. Não devíamos exagerar.

* * *

1 Nota do revisor: provavelmente uma referência a Cloto, uma das três moiras. A proteína Klotho descoberta em 1997 parece estar envolvida com o fator velhice. Supõe-se que alunos do século 13 NCG, mesmo sendo arruaceiros, têm conhecimento o suficiente para chamar Cauthon de Clothon em referência a ele se comportar mais como um adulto do que como uma criança.

No dia seguinte, foi definitivamente o pior na minha vida. Eu deixei a casa já com um mau pressentimento. Eu temia a vingança de Aleks Shyff e Kriz Hypp.

E eu estava certo. Eles estavam de tocaia num beco. Um raio energético saltou da rua lateral e acertou Robbie. Um raio fino, então relâmpagos azuis correram sobre o metal. Robbie caiu no chão.

— Não!!! — eu gritei.

Krizz me agarrou e me puxou para o beco. Ele me pressionou contra a parede úmida e cuspiu na minha cara.

— Ajude-me, essa coisa é pesada — gritou Aleks, que se ocupou de Robbie.

Kriz deu um soco no meu estômago. Eu fiquei fora do ar. Eu caí de joelhos, mas meu olhar estava fixo em Robbie. Krizz correu para Aleks.

— Depressa, depressa, antes que alguém veja alguma coisa — disse Krizz.

Os dois levantaram Robbie e levaram-no para o beco. Eles riram e se alegraram com seu ato.

Robbie! O que eles fizeram com você?

— Você vai pensar melhor antes de seu robô nos impedir. Agora vamos descobrir se você sabe mesmo quem tem poder real — borbulhou Aleks e chutou a carcaça metálica de Robbie.

Krizz se abaixou e abriu a portinhola de manutenção. Ele puxou o radiador. Onde ele conseguiu esta arma? Ele era uma criança e ainda não poderia ter uma coisa dessas.

— Deixe-me — exigi de Aleks e queria agarrar a radiador, mas Krizz o puxou de volta.

— Tira as mãos. Você vai quebrá-lo de verdade e então eu ficarei em apuros com o papai. Se souber que eu roubei o radiador dele, eu recebo uma surra.

Krizz enfiou o radiador no eixo de manutenção e puxou o gatilho. Faíscas voaram, metal aquecido e fumaça saíram de Robbie.

— Não, deixem-no — eu gritei, me levantei, mas Aleks pegou as minhas pernas. Ele se sentou em mim, me agarrou pelo cabelo, então eu tive que assistir o assassinato de Robbie.

Com um sorriso sádico, com o radiador Krizz cortou em volta. Na parte de cima de Robbie até que o suporte caiu. Aleks me deu um golpe no flanco. Em seguida, ele correu para Robbie, tirou os chips, painéis e quadros do corpo do robô e pisou em cima deles. Depois Krizz atirou até que tudo se tornou um amontoado carbonizado. Mesmo diante ao componente biônico eles não pararam.

Como despedida, me deram um pontapé, rindo de novo e fugiram.

Chorei!

Eles tinham destruído Robbie. As suas partes individuais estavam diante de mim. Carbonizado, aniquilado, brilhante e fumegante. Isso foi um pesadelo. Isto realmente não tinha acontecido. Isto não podia ser!

Robbie!

Robbie estava morto.

Meu único amigo estava morto. Naquele momento eu só desejava estar morto.

* * *

— Quem fez isso? — perguntou o ser de cabeça de prato com uma voz estridente e pôs a mão de seis dedos no meu ombro.

Eu só chorava, com os restos de Robbie na mão.

— Você está ferido. Nós temos que cuidar de você. Com os diabos, onde você mora? — perguntou o julziisch.

Olhei para o blue, que estava olhando para mim com seu par de olhos frontais. A cabeça balançava ligeiramente no talo pescoço fino a partir da esquerda para a direita.

— Você pode consertar Robbie? — perguntei somente.

— Eu? Eu sou apenas o interlocutor dos distribuidores de verme muurt. Isso tem que ser examinado por um especialista em cibernética. Não prefere ir para casa?

Eu balancei minha cabeça.

— Robbie precisa ser reparado. Por favor, monte-o todo de novo.

O julziisch ajudou-me e levou-me para a sua loja de verme muurt. Para todo lado, os bichos rastejavam em caixas transparentes. O blue chamou um técnico. Poucos minutos depois, apareceu um planador.

Outro blue saiu. Em seu ombro estava um swoon. As criaturas em forma de pepino de baixa estatura eram consideradas microtécnicos talentosos na Galáxia.

— Gunully o que é? — perguntou o julziisch a seu par. Ele abanou ambos os braços.

— Oh, o menino aqui está muito perturbado. Aparentemente, alguém destruiu seu robô. Eu pensei que você e Sycco pudessem examiná-lo.

Ambos os extraterrestres olharam para mim. Presumivelmente foi um olhar de pena. Eu fui até eles.

— Por favor! Ajudem Robbie, ele está doente.

— Dê-lhe uma examinada, Yusserk — exigiu Gunully.

O outro blue acabou concordando. Todos nós fomos até a entrada do beco.

— Meu Deus, alguém fez um trabalho completo. As memórias estão carbonizadas, o componente biônico aniquilado.

Ele desceu do blue e caminhou até mim. Abaixei-me. Ele colocou as suas pequenas mãos em meus joelhos.

— Eu realmente sinto muito, homem pequeno, mas se não houver uma cópia de segurança da memória de Robbie, ele está acabado. Quem fez isso sabia como destruir um servorrobô. Posso substituir as peças, mas o processador central está todo carbonizado. As placas de memória foram destruídas. Eu teria que usar um módulo central completamente novo e iniciar Robbie de novo. Seria um novo Robbie.

Agora eu entendi. Robbie estava realmente morto. Krizz e Aleks tinham tirado o meu único amigo.

Agora eu sabia que estava sozinho.

* * *

— O que ele fez? A escola pergunta onde ele está — retrucou tia Ivy, quando ela saiu da casa.

— Nada, senhorita! Seu filho foi atacado. Alguém destruiu seu robô e bateu

nele — disse Gunully, oprimido.

Yusserk e Sycco mostraram os restos de Robbie no compartimento de carga do planador.

Tia Ivy suspirou.

— Eu sinto muito, pelo que o menino fez.

— Ele não fez nada. Cuide bem dele. Ele está muito triste — disse Sycco. — Adeus, pequeno Cauthon. Ele vai melhorar — o swoon disse como despedida.

O blue acenou para mim. Em seguida, eles foram embora com Robbie. Eles haviam prometido enterrá-lo com dignidade. Eu confiava neles.

Tia Ivy me levou para a casa. Ela examinou as minhas feridas e apenas balançou a cabeça.

— Como você conseguiu destruí-lo? Agora precisamos comprar um novo robô. Esse agora é inútil.

Ela pegou um tubo de plasma *spray* e queria usá-lo em minha ferida, mas eu tirei o tubo da sua mão. De repente eu estava com tanta raiva! Como ela pode ser tão insensível!

— Robbie está morto! Eu não quero um novo, sua vaca estúpida!

Eu empurrei-a para longe e corri para o meu quarto. Lá eu fiquei chorando. Tia Ivy não foi atrás. Ela não precisava me repreender de novo. Isso seria aparentemente muito tedioso.

Eu lhe era indiferente.

Capítulo 2

Vingança

Sentei-me acordado no parapeito da janela e olhei para a rua escura e vazia.

Robbie estava morto.

E ninguém puniria Aleks e Krizz. Depois do seu trabalho, tio Tuzz me procurou. Eu contei a ele. Mas Tuzz não queria que nós mencionássemos isso. Os pais de Krizz e Aleks eram clientes dele. Para tio Tuzz o negócio vinha primeiro. Que tipo de impressão que teriam deles? Talvez eu tivesse imaginado tudo.

Ele se ofereceu condescendente para comprar um novo robô, mais moderno. Assim, o assunto foi resolvido por ele. Ele não entendia nada.

Krizz e Aleks tinham assassinado Robbie — os infames mataram meu único amigo.

Fechei os olhos. Lágrimas rolavam pelo meu rosto. Eu tinha que vingá-lo. Mas o que eu era capaz de fazer? Eles iriam me bater de novo.

Lentamente, eu abri os olhos cheios de lágrimas. No quintal da frente de repente estava um homem. Quem seria? Limpei as lágrimas de meus olhos, levantei e abri a janela.

Era *ele*!

Cau Thon! Ele levantou a mão. Como por magia, ele flutuou até minha janela. Um sorriso flutuava em torno de seus lábios.

— Eu prometi que nos encontraríamos de novo — sussurrou o ser de pele vermelha. Em seguida, ele se tornou sério. — Infelizmente, eles mais uma vez lhe causaram grande dor.

Eu recuei, mas Cau Thon não fez nenhum movimento para entrar no meu quarto.

Ele pairou na frente da minha janela e colocou as mãos no parapeito da janela.

— Vista-se. Temos que fazer alguma coisa.

— Eu não quero. Estou de luto. Deixe-me!

Cau Thon riu com voz rouca.

— Como quiser, Cauthon Despair. Então nós não faremos nenhuma vingança contra os dois meninos que destruíram o Robbie.

Agucei os ouvidos. Vingar-se? *Sim*! Eles tinham que receber uma punição. Eu odiava Aleks e Krizz. Cau Thon parecia saber. Ele queria me ajudar, aparentemente.

Vesti rapidamente uma roupa mais quente e corri para a janela. Cau Thon estendeu a mão. Peguei-a e sai do quarto, agarrando-me à sua volta, antes que afundasse lentamente para o chão.

Eu não sei por que, mas eu senti novamente esta grande familiaridade.

— Onde vamos?

— Para o meu planador — disse Cau Thon, apontando para um veículo estreito e alongado. O planador preto tinha dois assentos em fileira.

Eu sentei no banco de trás e me segurei com firmeza nas alças na minha frente. Cau Thon entrou e o motor uivou porque o veículo acelerou pelas ruas vazias de Port Arthur. Pelo menos o nosso distrito estava deserto a esta hora tardia.

Eu conhecia o caminho. Eu tinha de andar por ele todos os dias. Ele foi para a escola. Notei as três torres em forma de funil, apesar da escuridão, porque elas estavam bem iluminadas.

O negócio do blue estava fechado. Paramos em frente ao beco do lado escuro. Tristeza e raiva tomaram conta de mim. Aqui Robbie tinha sido brutalmente assassinado.

Cau Thon desceu. Eu fiz o mesmo. Fomos para o beco. As imagens horríveis invadiram minha memória. Eu nunca iria esquecê-las. Paramos perto de um recipiente de cerca de dois metros de comprimento e um metro de profundidade.

Era um conversor de casa. O lixo era jogado por um sistema de tubulação até aqui. Se o conversor estivesse cheio, ele automaticamente convertia o lixo em energia e injetava-a na fonte de alimentação interna do edifício.

Cau Thon riu. Ele apertou um botão. O conversor abriu a escotilha. Meus olhos se arregalaram quando vi o conteúdo. Entre restos de comida e sacos de lixo estavam Aleks e Krizz. Eles olharam para mim com os olhos manchados de lágrimas.

— Seus conversores têm um interruptor de segurança que impede a aniquilação de organismos vivos. Eu o desativei — Cau Thon disse friamente.

Era isso que eu queria? Não! Ele só os atacara por medo. E eles estavam com medo da morte. Eu curti isso e olhei para eles com condescendência. A raiva e desprezo em mim eram reais. Eles haviam destruído o meu amado Robbie.

— Agora vocês já não são tão poderosos. Quem é o fedorento aqui? Vocês cheiram consideravelmente mal. Mas por agora vocês estão onde vocês pertencem — Eu me virei e fui até ao lado do conversor.

Eles choramingaram e balançaram as cabeças. As suas bocas estavam torcidas em caretas grotescas, mas nenhum som podia ser ouvido. Um campo de energia bloqueava o som de suas bocas, e ninguém ouvia seus gritos.

Eu apreciei este momento. Com Aleks e Krizz amontoados no lixo e chorando com medo. Todos esses anos de tortura foram vingados. Não senti nada além de satisfação sem limites.

E ainda: *o que aconteceria amanhã?* Se Cau Thon não estivesse mais lá, eles iriam me atacar. Isso causou-me preocupação.

— Diga adeus a essas criaturas tolas Cauthon — o vermelho desbotado me disse.

Eu confiei nele. Ele certamente teria pensado em como me salvar da punição futura pelos dois.

Lembrei-me de Robbie e todas as humilhações. Então eu cuspi em Aleks.

— Um momento agradável mesmo na sujeira. Isso acontece se você se mete comigo. Deixe-me para sempre em paz!

Eu balancei a cabeça para confirmar a mim mesmo. Cau Thon apertou um botão. A escotilha fechou.

— Bem, Cauthon! Este segundo botão ativa o conversor. Um pequeno movimento do seu dedo e os seus problemas na escola estarão resolvidos para sempre.

Olhei para Cau Thon. Seus olhos de um vermelho dourado brilharam. Ele estava falando sério. Matar Aleks e Krizz? Não, eu não poderia fazer. Para isso eu não tinha o direito, certo? Eu balancei minha cabeça.

Eu estava esperando uma explosão dura de Cau Thon, mas ele manteve a

calma.

— Você respeita até mesmo a vida que te atormenta. Viva e deixe viver é dito pelos terranos. Em algum momento haverá a experiência em que viva e deixe morrer será a sua realidade.

Cau Thon colocou o dedo no botão e olhou para mim com expectativa.

O que deveria fazer? Dissuadi-lo? Se ele os matasse, não teria sido eu, então. E eles realmente não vão mais me atormentar. Eles tinham merecido a morte.

— Aprendi com um amigo de seus pais, que para os terranos também é olho por olho, dente por dente. Eu gosto de usar literalmente esta frase.

Um amigo de meus pais? Eu sabia muito pouco sobre eles. Cau Thon aparentemente parecia saber muito sobre a época em que nasci. Eu gostaria que ele me dissesse mais sobre isso.

— Quer me parar?

Eu não tinha dúvida. Mas como? Ele era muito mais forte do que eu. E eu deveria colocar minha amizade com Cau Thon em risco por Aleks e Krizz? *Não!*

Robbie! Eles o mataram, me humilharam e agrediram. Eles mereciam esse destino e culparem a si mesmos. Baixei a cabeça e fechei os olhos.

Eu ouvi uma risada de Cau Thon, em seguida, o conversor rosnou e sacudiu-se de forma audível, antes de se tornar quieto novamente. Então eu abri meus olhos. Cau Thon apertou o sensor para abri-lo. Tímido, eu me aproximei e olhei para dentro.

Ele estava vazio!

* * *

Nós nos sentamos por algum tempo no jardim atrás de nossa casa. Tio Tuzz e tia Ivy estavam dormindo. Eu olhei para as estrelas. Como eu seria feliz se estivesse em outro planeta.

— Seus pais te amavam. A sua morte veio muito cedo e eu não pude evitar isso — disse Cau Thon.

Pedi-lhe para me dizer mais.

Cau Thon me deu um dispositivo de armazenamento de dados.

— Imagens falam mais alto que palavras. Aqui estão algumas anotações de seus diários de bordo. Eu vou vê-lo novamente e trazer-lhe mais.

Eu peguei o disco como se fosse meu tesouro sagrado. Cau Thon se despediu logo depois. Eu estava triste que ele tenha ido embora de novo, porque agora eu estava sozinho novamente.

Pensei fugazmente em Krizz e Aleks. Eles estavam mortos, não chorei uma lágrima por eles. Foi decisão de Cau Thon. Eu não teria tido a coragem de ligar o conversor, mas ele sim.

Depois que Cau Thon se foi, entrei sorrateiramente em meu quarto e coloquei o dispositivo de armazenamento de dados no meu computador. Logo apareceu um registro de meu pai e minha mãe.

Vi pela primeira vez na minha vida, imagens em movimento de meus pais.

A entrada datava de 29 de dezembro de 1263 NCG. Eles falaram sobre seu trabalho em órbita ao redor do planeta Neles, a minha terra natal.

Era conversa trivial, mas eu me agarrei aos lábios, saboreando cada sílaba. As

lágrimas corriam pelo meu rosto, eu estava tão feliz. Eu salvei uma imagem bonita deles e copiei para o quadro de imagem holográfica.

Eu coloquei a foto ao lado da minha cama, beijei-a.

— *Boa noite, mamãe, boa noite, papai!*

Capítulo 3

“Terra Eagle-One”

Terra, 1278 NCG

Bekket Glyn chorou. As lágrimas corriam pelo seu rosto.

— Medros Eavan, é um grande chefe — o moderador sussurrou, entrou e saudou o câmara.

Em abatimento aparente o atarracado terrano com o cabelo loiro de corte curto caiu em sua cadeira. Cuidadosamente ele tomou as suas bandeiras de mesa com o emblema da Liga dos Terranos Livres e olhou para ele. Em seguida, ele se sacudiu de repente e escondeu o rosto entre as mãos.

Após um tempo em triste silêncio — só interrompido pelos soluços do moderador da Terra Eagle-One — Bekket Glyn olhou para cima, balançou a cabeça e se esforçou ostensivamente para se concentrar.

— Meus queridos cidadãos terranos. Hoje é um dia terrível. Hoje todas as pessoas honestas e trabalhadoras, todos os terranos levaram um tapa na cara. Os galácticos bonzinhos, a Liga traidora e o Império dos Blues venceram. Sim, meus amigos, eles ganharam.

“Paola Daschmagan foi eleita como a nova Primeira Terrana. A era Eavan terminou. Ele cuidou com distinção do destino da LTL por 43 anos. Longa e cuidadosamente.

O partido dos comunistas galácticos foi bem-sucedido. Todos os transmissores estão agora abertos para os tópsidas, parasitas blues e outros extraterrestres esquisitos para nos infiltrar. Lagartos de sangue frio e chefes cabeça de prato comedores de vermes estarão em cada canto. Esta será a nova LTL.

Que droga, meus queridos terranos!”

Glyn gritou pela frustração que sentia. Ele pegou um bloco de sua mesa de moderador e jogou-o contra a parede. E, inclinando a cabeça, olhando para o chão, suspirou. Depois ele se acalmou. Então ele olhou para a câmara.

— Em que tipo de mundo estamos vivendo? Como nós nos esforçamos para nos tornarmos uma nação forte de novo, mas o que acontece? Os galácticos bonzinhos, esquerdistas e extraterrestres sabotam nossa democracia. O que nos espera com Paola Daschmagan?

Bekket Glyn sentou-se em sua ampla cadeira, preta, olhando seriamente para a câmara. Próximo a ele apareceu uma holografia pouco lisonjeira de Paola Daschmagan.

— Esse é a nossa nova Primeira Terrana! Aleluia.

Glyn levou o galhardete da LTL e o soprou para frente e para trás apático.

— Vocês podem se preparar para qualquer coisa. A LTL perderá seu *status*. Nós vamos conviver com cabeças de discos, lagartos, elefantes e gatos. Nós teremos que ter vergonha de sermos terranos e nossa liberdade será restringida novamente. Presumivelmente, negociantes terranos como Willem e Michael Shorne ou Arno Gaton também terão que pedir desculpas por obterem lucros.

Bekket Glyn acenou e riu amargamente. Ele puxou seus cabelos e girou a cadeira duas vezes em torno de seu próprio eixo. Ele aparentemente tinha tempo para a sua audiência. Ele levantou um dedo ameaçador.

— Talvez Perry Rhodan retorne novamente? O traidor número um da Humanidade é talvez a obra-prima de Daschmagan.

“Perry Rhodan, o terrano! Bah! Um ditador imperioso que bate em seus subordinados no rosto e os tortura com um chicote. Essa é o verdadeiro Perry Rhodan. Te digo. Não confio nesta víbora. Ele só se utiliza de todos.”

Com um sério olhar de advertência, Bekket Glyn terminou seu programa semanal “Nada além da Verdade” na Terra Eagle-One.

Capítulo 4

Blogue “minha Via Láctea”

Vozes da Galáxia para a eleição por Paola Daschmagan.

É o ponto da virada! Paola para sempre. Fora com o velho fascista após mais de 50 anos. Precisamos de mudança e não de Grigors, Eavans ou Rhodans!

Um galáctico

Como julziisch fico satisfeito com um governo moderado e tenho grandes esperanças em Paola Daschmagan. Deve-se dar um fim à discriminação e ao ódio racial, pela criatura amarela rosa da justiça.

Upuaoldy L’aacrlk

Seu terrano autovalorizado, você acredita também que só um tópsida levanta a cauda por interesse. Acredita em suas ações como as mais importantes.

Um irritado tópsida

Quem é Paola Daschmagan?

FAMUG!

Volte Perry!!!

Um terrano

Paola, eu quero fazer sexo com você!

Um plofosense

Perry Rhodan está por trás. Daschmagan é apenas um fantoche de Perry Rhodan, que é um fantoche dos Senhores da Galáxia. Todos são apoiados por AQUILO, que é um agente duplo dos Cosmocratas e outras entidades. Eu te digo! Não estamos brincando!

O aviso

Fdhghgfzusdgzfsipoddoyy1243 + UAX

Aniversário de um ano da filha de um aconense - minha Via Láctea pelo usuário.

Capítulo 5

Uma nova era de LTL?

A partir das crônicas

O ano passado, 1278 NCG, apresentou-se pequeno, mas talvez importante na política da Liga dos Terranos Livres. Medros Eavan foi após uma regência de vinte e três anos punido com eleições antecipadas pelo povo da LTL. Surpreendentemente, Paola Daschmagan havia vencido.

A atarracada terrana ainda era completamente desconhecida até poucos meses atrás. Sem dúvida, ela tinha patronos influentes que estavam claramente descontentes com a política de Eavan. Os últimos anos têm sido marcados por crises e conflitos internos com colônias e mundos interligados.

O curso das últimas décadas tinha dividido a população da LTL. Enquanto no setor interno havia muitos seguidores da expansão da política de poder da Terra, a rejeição ao sensível equilíbrio entre a política de blocos de poder galácticos de Perry Rhodan e uma política mais hostil em relação aos blues, tópsidas e outras raças extraterrestres, aos mundos associados e colônias protegidas da Terra que simpatizavam mais com a sensibilidade ao equilíbrio e igualdade de oportunidades política dos imortais de Perry Rhodan.

O governo Eavan não era exatamente sensível ao lidar com os direitos fundamentais dos cidadãos. Sob a pressão da retirada de seus direitos sociais essenciais que eram abolidos ou reduzidos até mesmo invalidados, enquanto os interesses do complexo industrial militar eram cada vez mais o foco da política do governo. Nisso residia uma das principais causas do descontentamento popular. Finalmente transações fraudulentas levaram à queda de Eavan. Quando se soube que a associação da subdesenvolvida Liga Hanseática Cósmica ao Primeiro Terrano, a LTL, aos mundos associados e sistemas autônomos estava se expandido, não para produzir tão barato quanto possível ou para reduzir o valor das matérias-primas, a maré virou. O governo havia tentado todo o possível para encobrir os relatórios. Sob a pressão de funcionários do governo, jornalistas foram demitidos por alegada traição de segredos de Estado. Depois que uma equipe repórter da Sol-TV foi assassinada no planeta Epirool por mercenários contratados, chegou-se a um ponto crítico. Um dos repórteres tinha sobrevivido e fugiu com todo o material comprometedor. Na transmissão da Sol-TV e muitas *networks* solares associadas, a reportagem e as maquinações do governo Eavan foram impiedosamente expostas.

Os opositores políticos de Eavan usaram isso para confrontarem seu governo. Se o objetivo era a moralidade e justiça, ou, finalmente, apenas uma oportunidade para desacreditar os oponentes políticos, ainda não estava claro.

Grande parte da população da LTL ficou indignada e exigiu consequências políticas. Desse modo, verificou-se que especialmente a Liga Hanseática e as Industrias Shorne ficaram à frente do consórcio que controlava a exploração do planeta Epirool. O próprio Eavan deve ter fechado um acordo com o mundo Mashratan, para empregar mercenários de lá que deviam fazer o trabalho sujo para o consórcio. Depois que o encobrimento do assassinato deu errado, as Indústrias

Hanseáticas e Shorne se dissociaram de Eavan e colocaram toda culpa sobre seus ombros. Assim, o governo nacionalista estava no fim. A Eavan não restava nada mais do que realizar novas eleições.

A partir das eleições de 15 de janeiro de 1278 NCG a terrana Paola Daschmagan emergiu como uma força democrática mais pacifista e social o que lhe angariou a vitória.

Assim, a maré virou para os círculos nacionalistas e com Paola Daschmagan agora tínhamos uma nova Primeira Terrana.

Mas mudaria tanto? Talvez o seu curso fosse mais moderado, mas terminaria com o poder de Gia de Moleon, a chefe do SLT, e restringiria estes conflitos indizíveis com Perry Rhodan e o Projeto Camelot?

Será que ela pararia os atos nefastos das grandes potências galácticas, reforçaria os direitos dos mais fracos dos mundos da LTL e também procuraria melhores contratos com sistemas autônomos? Será que ela optaria por trabalhar com planetas duvidosos como Mashratan?

Será que ela encontraria uma solução para Trokan?

Muitos moradores da Via Láctea colocam grande esperança na política de Daschmagan de atuação bastante suave. Mas como ela deve agir, tanto para satisfazer as aspirações dos seus constituintes para melhorar a sua situação social e, simultaneamente, a otimizar a ideia de convivência e cooperação pacífica entre os vários blocos de poder galácticos com uma nova abordagem de vida?

Ela certamente não era um Perry Rhodan...

Jaaron Jargon

Capítulo 6

Os perigos da Via Láctea

Um documentário da TE-1 sobre os extraterrestres perigosos na Via Láctea. Resumido e comentado pelo moderador estelar Bekket Glyn.

Um relatório imparcial de Bekket Glyn de Terra Eagle-One (TE-1)

— Ad Astra, terranos! Meu nome é Bekket Glyn e eu lhes trago nada além da verdade. Hoje vou falar sobre as peculiaridades culturais de nossos *amigos* extraterrestres.

Com a última palavra, o terrano torceu a boca.

Bekket Glyn vagava em torno de uma mesa de madeira. Havia recipientes transparentes com vermes vivos.

— Olhem para isso. Os doces e pequenos vermes muurt. Eles lamentam, eles imploram por suas vidas.

Agora, um holograma gravado. Um julziisch olha avidamente para baixo para os vermes. Ele abre o tanque e tira dois vermes muurt.

— Mas o blue não conhece misericórdia. Ele come um muurt vivo. Muita satisfação e nenhum remorso; ele enfia o pobre animal em sua longa e insaciável garganta. Essa é a cultura de um vil blue. Por AQUILO, estou orgulhoso de ser um terrano!

Bekket Glyn balançou a cabeça em desgosto. Ele bateu palmas duas vezes e a bandeja e o blue desapareceram. Para Glyn o redor estava escuro. Arbustos e árvores exóticas brotaram do solo.

— Outro perigo para a Via Láctea é o povo tópsida — Glyn começou, e já apareceu uma imagem holográfica animada. — Estes lagartos são frios. Eles não têm amor, nem piedade e nem amizade. Eles são criaturas muito fortes, mas igualmente brutais e perigosas. A palavra terrano é uma palavra suja. Um insulto para eles. E assim devemos tolerar na Terra esse pacote de sujeira? Eles só nos desprezam! Me deixa doente a visão desse monte de crocodilos andando. O Senhor nos deu os dinossauros milhões de anos atrás. Isso era uma coisa boa. Vamos transformá-los em bolsas. Mas não vamos deixar que eles nos tirem os nossos empregos ou viver na vida mansa às nossas custas.

Glyn falou ainda mais animado com a diversidade na Via Láctea... Ele torceu o nariz.

— A diversidade, a ideologia multicultural rhodaniana e seus cúmplices falharam. Os terranos não queriam ocupar os últimos 55 anos com culturas estrangeiras em bairros inteiros, que queriam colocar seus ídolos em todos os lugares e rejeitar-nos profundamente. Mas a governadora de Rhodan, Daschmagan, trará alienígenas ainda mais criminosos para Terra.

Houve demonstrações de outras nações da Via Láctea via hologramas. Para cada um o moderador havia gravado uma observação desdenhosa. O swoon estava num sanduíche, o naat não poderia contar até três. Entre o unitros ele destacou um “elefante”. Ao olhar para um cheborparnense Glyn tremeu. Mudou para os asporcos, paramags, moofs, drons e gefirnenses.

— Um dia nós seremos escravos de todas estas criaturas nojentas. Lembrem-se. Enquanto nós beijarmos os pés empoeirados de Rhodan, ele vai nos bater no rosto com um chicote.

Ad Astra, terranos!

No final Bekket Glyn explodiu seu galhardete da LTL. Então veio a publicidade. O ponto seguinte promovia vermes muurt ao molho, a moda julziischense.

Capítulo 7

Política galáctica

A partir das crônicas

Não se fez muito em 1279 NCG. Paola Daschmagan admitidamente inseriu um curso mais moderado, a entonação ficou mais cuidadosa, mas as relações dentro da Galáxia não melhoraram em nada.

Porém havia esperança neste momento por parte da Humanidade.

Uma flotilha de paz linguide foi enviada à Via Láctea com o objetivo de chamar a atenção para a situação na Galáxia e o colapso já previsível do Galacticum. Quando a flotilha atingiu o território arcônida uma comandante da frota do Império de Cristal tinha sido requisitada para abrir fogo sobre as cem naves desarmadas das várias nações. Ela tinha recusado o comando e foi condenada à morte por covardia diante do inimigo. Mas ela foi resgatada a tempo por pessoas desconhecidas.

Eu estava orgulhoso da tentativa de meus irmãos linguides de despertar a Galáxia. E eu estava feliz em saber que havia arcônidas que colocavam seus princípios e a sua dignidade acima das ordens do Império de Cristal. E fiquei agradavelmente surpreso de que havia um movimento de resistência aparentemente também no território arcônida. O nome IPRASA foi mencionado com frequência. Teriam eles algo a ver com Camelot?

No início de 1280 NCG, “o coronel” como ele chamava a si mesmo, fez uma visita de Estado à Terra. Ibrahim el Kerkum, o governante de Mashratan era uma pessoa exuberante e igualmente duvidosa. Paola Daschmagan recebeu esse tirano com todas as honras e foi de bom humor á conferência de imprensa.

Aparentemente, a Primeira Terrana não tinha aprendido com os erros do seu antecessor. Ela elogiou a cultura diversificada da Nação Tigre Mashratan. Eu fiquei arrepiado com tal declaração.

Mas Kerkum era um aliado valioso para a LTL. As suas tropas garantiam a autonomia dos mundos e permitiam que a Liga Hanseática Cósmica e as Indústrias Shorne fizessem negócios lucrativos. O objetivo era ganhar o favor do déspota. Isso ficou óbvio. Através da rede de Kerkum, de Fornalha até chegar aos Guardiões Galácticos em Árcon, cortejando tanto a LTL quanto o Império de Cristal e impérios estelares menores

Kerkum usava durante a subsequente visita à cidade um uniforme verde limão da época do Império Solar. Diante do Mausoléu CREST ele fez uma genuflexão e depois cantou de modo bastante desafinado a canção do astronauta terrano — Ad Astra, terranos!

Foi dito oficialmente que foram feitos esforços para uma adesão de Kerkum à LTL e o estabelecimento de relações comerciais. No entanto, o coronel aparentemente, se irritou contra a adesão. Por que deveria? Como uma nação independente, Mashratan estava melhor porque todos os blocos de poder galácticos estavam se esforçando para manter as melhores relações possíveis com o regime. Kerkum poderia, portanto, jogar os vários blocos de poder um contra o outro. Ele tinha algo que todos queriam: hiper cristais em abundância. E o “coronel”

dominava o jogo com perfeição, pelo menos até agora.

Além disso ele teria de manter os direitos fundamentais em Mashratan, porque a LTL coloca certas condições em seus mundos. Era, portanto, sobre o reconhecimento do direito fundamental da Liga.

Mas isso causaria mudanças cataclísmicas sobre Mashratan. Kerkum apresentou-se amigável, mas afirmou claramente que o povo de Mashratan não admitia interferência externa.

O assunto foi, em seguida, enumerado rapidamente. Claro, não houve perguntas desagradáveis. Pelo contrário, Mashratan por causa de seu grande crescimento econômico — do qual, no entanto, o povo não recebia nada — fora apelidado como mundo emergente economicamente, como um modelo para a indústria. O fato, de que esse crescimento era em grande parte a exploração de seu próprio povo e ações duvidosas em outros planetas, foi esquecido convenientemente.

Será que nenhum jornalista se sentia comprometido com a verdade? Claro que havia muitos relatórios críticos, devido à abundância de possibilidades de editoras independentes, mas as mídias de renome passavam ao espectador uma harmonia hipócrita.

Meu estimado colega Bekket Glyn era novamente o cume do descaramento. Este homem foi autorizado a enviar semana após semana seu discurso de ódio insano sobre a Terra Eagle-One, um jornalismo terrano de baixo nível.

Bekket Glyn dançou e aplaudiu em sua missão e viu no coronel Kerkum um excelente exemplo de um patriota terrano. Glyn no original: — Com o coronel Kerkum você pode, saudosista dos tempos românticos sociais rhodaniano, aprender muito.

Glyn naturalmente elogiou o fato de que as pessoas não estavam descontentes com Mashratan. Glyn estava convencido de que se houvesse mais Kerkums na LTL, a liga se aglutinaria numa forte nação de terranos diligentes, próspera e forte.

Eu discordei, é claro. Naturalmente que eu confiava na diligência, prosperidade e forças terranas. Mas Kerkum certamente não era um modelo. Todo esse nacionalismo na Via Láctea nos trouxe para a beira do caos. Por isso mesmo, ele (nacionalismo) saiu, porque blues, tópsidas e arcônidas simplesmente não eram folhas em branco. Uma coisa os unia: o sentimento de superioridade de sua própria raça.

Os seres da Galáxia tinham que crescer juntos novamente, mas isto não acontecia.

Em setembro deste ano, Paola Daschmagan nomeou o terrano da LTL Cistolo Khan para comissário e, assim, o órgão executivo. Pouco se sabia sobre a atitude política do homem alto. No entanto, ele foi considerado um profissional consumado.

Após um longo tempo, a boa Gazh Ala entrou em contato comigo de novo em abril de 1281 NCG. Ela disse que era hora de eu e a organização Camelot termos os caminhos compartilhados. Ela me pediu para lhe dar as minhas anotações, assim ela as enviou para Perry Rhodan. O que proporcionou ao portador de ativador celular ler algo sobre o estado de espírito em Terrânia. Ela enfatizou que Rhodan atribuiu grande importância aos pontos de vista razoáveis o que se tornou críticos em

relação à situação. Ela me ofereceu também mudar para Camelot, mas eu queria ficar na Terra. Infelizmente, isso significava que uma reunião em segurança com Rhodan ainda não era possível.

Mas eu tinha certeza de que um dia eu entraria em contato com Rhodan pessoalmente.

Jaaron Jargon

Capítulo 8

Academia Espacial

Junho 1282 NCG

Primeiro eu notei o caça espacial na praça em frente à Academia Espacial. Era um jato-mosquito, uma série quase lendária do período do Império Solar.

Então seria aqui minha nova casa. Com dezessete anos e meio eu era um dos mais jovens cadetes. Mas depois que eu tinha encurtado meus tempos de escola devido a realizações extraordinárias, eu era capaz de começar agora. Um comunicado de Wirsal Cell tinha o suficiente para mostrar que estava muito satisfeito por eu ter sobrevivido à longa espera e ainda estava disposto a me colocar aos serviços de Camelot.

Sim, isso é o que eu queria!

Foi divertido. Enquanto eu caminhava pela porta grande de metal e me olhei no estacionamento em frente ao edifício quadrado, pensei nos últimos anos.

Após a morte de Aleks e Krizz muito tinha melhorado. De fato tinha havido diligências e pesquisas, mas a polícia não tinha sido capaz de encontrar qualquer evidência de mim ou Cau Thon. Aleks e Krizz foram oficialmente listados como desaparecidos. Eles haviam deixado cartas de despedida em que falavam de um começo num novo mundo. Sem dúvida, uma obra de Cau Thon. Embora a polícia duvidasse da autenticidade, nunca foi encontrada evidência de um assassinato.

Embora eu tivesse um motivo, por causa do assassinato de meu servorrobô Robbie, nunca ousaria fazer uma coisa dessas.

O tempo foi mais fácil depois. Os colegas que estavam lá não me provocaram mais.

Cau Thon ainda me visitou duas vezes e entregou mais gravações de vídeo dos meus pais. Eles tinham me dado força. O tio Tuzz e a tia Ivy pouco se importavam comigo. Saímos algumas vezes juntos porque era inevitável.

O caminho para o espaço pela academia de Port Arthur foi um passo importante para mim.

Estremeci quando de repente entoou uma marcha. Só agora eu vi as dúzias de músicos militares que marchavam em volta do terreno.

Acima de mim passava um esquadrão de caças espaciais. O meu coração bateu mais rápido. Um calafrio percorreu minha espinha, de tão emocionado que eu estava. Eu me senti de alguma forma diferente. Em mim o combatente rugia, à minha direita passavam os soldados a marchar.

Eu fiquei imediatamente fascinado. Este cenário deu-me força, dignidade e simbolizava um Camelot forte.

Olhei em volta. Algumas pessoas em trajes civis vinham através do portão. Presumivelmente eles eram novos recrutas. Havia um total de cerca de vinte pessoas, incluindo um blue, um epsalense, um unitro e dois ertrusianos.

Uma terrana imediatamente chamou minha atenção. Ela se destacava pela cor da sua roupa. Enquanto todos usavam cores variadas, ela usava apenas roupas

pretas. Seu cabelo louro-avermelhado, obviamente tingido, caía suavemente para trás. Quando ela se aproximou, vi seus olhos azuis. Ela olhou para mim não necessariamente de modo amigável, mas algo nela me fascinou. Talvez fosse apenas seus olhos azuis? Ou o rosto sem mácula? Possivelmente a maneira como ela se movimentava? Aparentemente curiosos, eles olharam para o pátio e pararam em frente ao jato-mosquito.

Eu me perguntava se eu não deveria ir até ela.

— Quem são os inúteis, imbecis echidnas de Leffa² que estão obstruindo a área? — alguém gritou atrás de mim. Eu estremei. A voz era poderosamente alta.

Virei-me apavorado. Diante de mim estava uma montanha de um homem. Seus músculos pareciam saltar para fora do uniforme. O crânio quase quadrado era marcado por um nariz grosso, o charuto na boca e a crista iroquês³ azul na cabeça que de resto era sem pelos.

— Vocês não ouviram? — gritou o gigante.

— Por que você fala nesse tom? — disse um dos recrutas. Ele era da minha altura, magro e tinha um bigode. O ertrusiano colocou as mãos nos quadris e olhou para os meus novos companheiros.

— O que você disse?

— Bem, você pode simplesmente falar e não gritar assim. Estamos aqui e não lá com os arcônidas.

O ertrusiano levou o charuto da boca e soprou a fumaça no rosto do camelotiano.

O que o fez tossir.

— Isso... eu vou comunicar — ele engasgou.

Agora, o ertrusiano riu tão alto que meus ouvidos doeram.

— Olhem só! Chorando como um vurgizzel⁴. Provavelmente nem sequer sabem o que é isso, certo? Agora é hora de virar homem ou de correr para a barra de saia da mãe.

O outro tossiu. A ruiva com as roupas pretas caminhou até ele e lhe bateu nas costas. O camelotiano agradeceu.

2 Nota do revisor: o echidna é uma espécie nativa do planeta Leffa. Há um total de dez espécies diferentes, todos os quais são capazes de se reproduzir em conjunto, embora eles ocupem diferentes habitats. Echidna adultos põem sempre dez ovos, que eclodem com os dez gêneros. Os ovos são redondos, cercado por um escudo de couro e medindo cerca de sete centímetros.

3 Nota do revisor: os iroqueses ou haudenosaunee foram um grupo nativo norte-americano que vivia em torno da região dos Grandes Lagos, primariamente no sul de Ontário, uma província do Canadá, e no nordeste dos Estados Unidos. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iroqueses>

4 Nota do revisor: o vurgizzel é um animal da Via Láctea do tamanho de um punho. Assemelha-se a uma bola, que é envolta por uma pele com cabelos longos semelhante à fibra de vidro. Vagamente podem ser vistos dois pequenos olhos redondos vermelhos, com uma boca pequena com um focinho rosado. O corpo pode ser insuflado de modo que ele assume a aparência de um eixo alongado. O vurgizzel produz um zumbido cada vez mais alto que provoca dor nos ouvidos. Os animais gira ao redor de seu próprio eixo como um ciclone, de forma que o ar fica tão misturado que uma pessoa que estiver ao lado do vurgizzel é apenas vagamente reconhecível.

— Pronto? — perguntou o etrusiano impaciente. Sem esperar por uma resposta, ele continuou.

— Então, eu sou o moedor aqui. Quando eu estiver acabado com vocês, ou vocês viram ensopadinho ou astronautas a serviço de Camelot. Vocês decidem.

Meu nome é Arlo Rutan. E o meu lema é: seja quieto como a floresta, imóvel como a montanha, frio como a névoa, rápido na decisão como o vento e ataque tão feroz quanto o fogo!

Eu olhei para os outros recrutas. Todos olhavam sem expressão. O que eu estava escutando era novidade, mas eu entendi onde Arlo Rutan queria chegar. Afinal, ele era um veterano e tinha servido com Rhodan na BASE no início do século.

— Agora imagine as dificuldades de ser um astronauta de verdade, seu chorão!

Seguimos o comando. Eu tive o prazer de estar ao lado da beleza de cabelos claros. Ela olhou para mim. Seu olhar era fixo, profundos e fascinantes olhos azuis. Eu olhei para Arlo Rutan. Atrás dele apareceu um terrano saindo do prédio. Eu o reconheci imediatamente. Wirsal Cell! Um ligeiro sorriso cruzou meus lábios. Cell olhou para mim e acenou fracamente.

— Bem-vindos à Academia Espacial de Port Arthur. Vamos fazê-los se tornarem astronautas capazes, cientistas, funcionários ou agentes da organização Camelot. Vocês podem escolher.

Cell usava um uniforme azul, que era comum entre os executivos em Camelot. Como na LTL não havia posições definidas. Eu pensei que era estúpido. Pacifismo deve definir limites. O militar era organizado. Devemos discutir se faz sentido ou não dar cada tiro antes de tudo? Então, os nossos inimigos nos teriam metralhado por um longo tempo.

Notei apenas, neste momento, um programa de Bekket Glyn. Eu vi seus documentários, mesmo que alguns fossem exagerados e ele caminhasse à beira da loucura. Mas, em alguns aspectos, o moderador da Terra Eagle-One estava certo. Ele também tinha mostrado em seu programa o pedido de uma frota espacial e exército fortes na LTL. Nisso, eu concordei com ele.

Agora a PAPERMOON foi lançada no início do ano passado. A espaçonave da classe NOVA era o novo orgulho da LTL. Ridículos 800 metros de diâmetro. Ela era um pequeno seixo em comparação com os velhos ultracouraçados.

— Recruta Despair, você está prestando atenção?

Eu estremeci. Wirsal Cell estava diante de mim e provavelmente havia registrado a minha ausência mental. Os outros riram. De novo não! Eu já me sentia na escola. A diferença era que agora eu tinha dezessete anos, e meus novos camaradas não tinham, aparentemente, prestado atenção em mim.

Eu retornei à realidade.

— Sim, senhor! Eu só estava pensando numa frota a serviço de Camelot, senhor!

Cell acenou.

— Não militarmente, Despair. O bom Arlo Rutan fará você relembrar tradições antigas, mas nós ainda representamos aqui em Camelot os princípios dos primórdios da LTL. Isso significa que nenhuma grande frota, mas pequenas e finas unidades especiais para garantir a paz. Onde a GILGAMESH é uma exceção.

Todo mundo em Fênix provavelmente tinha ouvido falar de GILGAMESH. Era a

nova nave capitânia dos portadores de ativador celular e consistia de vários módulos. Cada imortal tinha a sua própria espaçonave, que poderia ser combinada numa só. Uma verdadeira maravilha da tecnologia. Esperemos que nós nos sentemos lá também. A construção ainda não estava completa.

— Bem, então, senhoras e senhores. Dirijam-se para o balcão de informações de maneira ordenada, assumam seus quartos. Antes das 18h00min, nos reunimos para a apresentação na sala comunitária.

Cell virou-se e caminhou a passos largos de volta para o grande edifício da Academia. Eu respirei fundo. Aparentemente, eu estava novamente em curso para uma desgraça.

— Você tem um nome? — perguntou de repente, a beleza ao meu lado. Fiquei chocado. Ela falava comigo. Sim, realmente comigo. Agora era só não gaguejar ou agir como um idiota.

— Sim — eu consegui responder por entre os lábios.

Ela olhou para mim com expectativa. Um olhar para derreter ou fugir. Depende.

— Posso apresentar-me?

Ela assentiu com a cabeça e sorriu com simpatia.

Limpei a garganta.

— Cauthon. Cauthon Despair. Este sou eu

— Ok. Olá Cauthon. Eu sou Zantra, Zantra Solynger.

Ela me deu um sorriso. O gelo foi quebrado. Eu respirei fundo. Agora, quando eu queria dizer mais sobre mim, mas ela já tinha ido para dentro do prédio.

* * *

Os dezenove cadetes, Wirsal Cell, Arlo Rutan e eu nos sentamos ao redor de uma grande mesa redonda. Eu não me concentrei em todos os nomes. O homem magro com o bigode era Antee Vamsar. Outro homem parecia bastante inquieto. Ele usava um cabelo encaracolado. Ele se apresentou como Benyameen Pluzz. Eu já conhecia Zantra. O grupo de recrutas era uma mistura da Galáxia e que foi em grande parte criado em Fênix. A segunda geração camelotiana.

— Vocês devem entender por que estamos fazendo esta apresentação em primeiro lugar. Astronautas também podem ser formados em outras universidades. Mas queremos em Fênix o melhor dos melhores. Vocês devem aproveitar o treinamento da melhor maneira e atingir uma maturidade espiritual e ética, para que sejam dignos de representar as metas de Camelot — disse Cell.

Ele limpou a garganta, recostou-se na cadeira e olhou para nós com a boca semiaberta.

— E quais são os objetivos específicos? — Vamsar perguntou.

— A segurança da Via Láctea — foi a resposta rápida do nosso instrutor. Então ele se levantou e caminhou ao redor da mesa. — Nós não podemos esperar de Árcon, Terra, Gatas e todos os outros mundos, um olhar com objetivos galácticos nestes tempos. O Galacticum é uma sombra de si mesmo. Interesses nacionalistas enfraquecem a comunidade. Pequenos impérios estelares tramam contra os poderosos. A panela está com toda a pressão. Temos para evitar que estoure. Precisamos garantir a estabilidade. E o que ninguém parece considerar que com o

passar do tempo, uma força intergaláctica alienígena assuma o controle! Qual é, então, o ponto de equilíbrio?

— Camelot — Zantra disse suavemente.

— É isso mesmo! — gritou Cell, apontando para Solynger. — Está certo! Nós somos os únicos que vão puxar as castanhas do fogo. Esta é a visão de Perry Rhodan. E nós vamos ajudá-lo.

Apontando a todos. Nós trabalhamos para um objetivo nobre e somos uma espécie de brigada de incêndio da Galáxia. Comparável à USO em épocas anteriores. Quem não serve com orgulho a Camelot, não estará certamente ajudando.

— Depende de cada um de vocês — disse o olimpiano que perdeu um monte de cabelo em relação à sua permanência de mais de sete anos na escola, mas que tinha ganhado muita circunferência na cintura.

— Na academia que irá instruí-los na ética e na moralidade. Nós lhes mostraremos como lidar com armas. Vocês vão aprender usar espaçonaves, quais são os deveres de uma tripulação de uma nave espacial, como você interage com os robôs, como as nações individuais se interagem na Galáxia, conhecerão a história da Via Láctea e muito mais. Nós vamos descobrir a sua melhor adequação. Caberá a você o que vocês serão mais tarde. Cientistas? Funcionários de escritórios em Camelot? Astronautas? Soldados? Agentes?

Cell ficou em silêncio e olhou para cada cadete. As suas palavras tiveram o seu efeito. No entanto, eu não sabia o que eu queria ser. Deve ter algo a ver com naves espaciais. Cientista ou pessoal do escritório não era meu negócio. Astronauta, piloto ou comandante de um couraçado. Sim, isso soava bem!

* * *

As primeiras semanas foram passando como um voo no hiperespaço. Nós primeiro aprendemos como as coisas funcionavam na Galáxia. Wirsal Cell nos ensinou pessoalmente. Mas ele também tinha um assistente, um historiador muito antigo e profundo conhecedor, natural da Cidade do Cabo, Terra. Ambos ensinaram-nos a história da Via Láctea, a correlação entre lemurenses, terranos, arcônidas e aconenses. Contaram-nos da ascensão de Rhodan, a suas aventuras e conflitos.

Wirsal Cell particularmente elogiou os tempos do Império Solar, enquanto Ulov Mutava adorava os primeiros dias da LTL. Eu ficava tentando falar com Zantra nessas semanas, mas era difícil. Aqui e ali, ela me perguntava sobre os dados de história, mas realmente não tive a oportunidade de conhecê-la mais de perto. Ela era uma mulher muito bonita. Mas ela era muito mais do que isso. Ela era inteligente e parecia ter grandes objetivos. Ela, obviamente, queria participar de algo importante e, portanto, escolheu o treinamento na academia. Isso me impressionou.

Senti um certo desejo por uma namorada. Eu não tinha experiência com as mulheres. Outros da minha idade tinham muito mais experiência, quando analisava as conversas dos camaradas nos intervalos.

Após oito semanas, veio o primeiro teste de história. Zantra e alguns outros me questionaram em cima de todos os possíveis eventos logo antes do exame.

Eles confiaram em mim e me apreciaram. Senti que eles me respeitavam. Essa foi uma boa sensação. Ou eles só tiraram vantagem de mim? Não ficou claro para

mim. Uma hora eu provavelmente descobriria.

Ainda pesava em mim esse medo de nova provocação. Eu não era necessariamente popular entre os cadetes, mas eu não estava irritado. E ainda assim eu estava com medo que isso mudasse um dia.

* * *

Eu passei no teste com distinção como o melhor do ano de treinamento. Não houve citações maliciosas e Zantra me deu até mesmo um sorriso agradecido. Se ao menos eu tivesse tido a coragem de iniciar uma conversa com ela...

Alguns de nossos colegas de curso não foram tão bem. Allan Coohn e Sylka Dysh foram os piores.

Wirsal Cell mostrou abertamente seu aborrecimento. Tanta raiva eu nunca tinha presenciado no, de outra forma totalmente, pacífico olimpiano.

— Se vocês dois tolos mantiverem esse nível, não vão nem participar do primeiro treino. Eu não sou um defensor de seguidores estúpidos. Um soldado deve ser capaz de pensar e entender pelo que ele está lutando para distinguir de que lado ele está!

Estas palavras me impressionaram. Cell promovia a inteligência dos recrutas, a sua compreensão da Via Láctea e o lidar com a história da Galáxia.

— Mas estamos lutando do lado bom — Antee Vamsar disse.

Cell olhou para o camelotiano frágil com o bigode. Ele deu alguns passos em direção a ele.

— O pensamento de cada próprio partido. Os lares pensavam que era seu direito expandir seu império e subjugar a Via Láctea. Os Senhores da Galáxia se sentiam, assim como os ulebs, ameaçados por nós. Quem decide o que é certo e o que é errado, Vamsar? Você tem que ligar o cérebro.

Cell tocou o dedo indicador em sua têmpora.

Agora, eu indiquei o desejo de falar.

— Mas como posso distinguir o lado bom do ruim?

Cell estava obviamente satisfeito com esta objeção. Ele sorriu para mim.

— Uma boa pergunta, Cauthon Despair. Vou dar-lhe a resposta. Você tem que ter o objetivo final em mente — disse Cell.

Silêncio. Aparentemente, ninguém poderia fazer nada com essa resposta. Eu assisti Antee, Benyameen e Zantra. Eles pareciam perplexos. Cell deixou passar algum tempo.

— Suponha, que Camelot decidiu ocupar a Via Láctea e introduzir um governo de portadores de ativador celular. Qual avaliação você faria deste objetivo final?

— A negativa provavelmente — Zantra disse.

— Errado! Seria um objetivo positivo — disse Wirsal Cell. — Porque teria o objetivo de unir a Via Láctea e, assim, garantir a paz permanente.

Houve silêncio na sala por um tempo, até que eu falei de novo.

— Mas ação de armas e violência, a fim de fazer a paz? Não devemos agir melhor com diplomacia e política?

Cell riu alto.

— Esta política está em andamento desde o início do Novo Calendário Galáctico. Ela foi pouco prática e a Via Láctea mergulhou na escuridão da era

Monos. Passividade e um excesso de tolerância podem causar mais danos do que um esforço determinado!

— Mas nós não somos obrigados a uma certa lealdade? Se eu estivesse na LTL eu deveria lutar contra Camelot? — Antee disse.

Cell riu com desprezo e acenou.

— Se Perry Rhodan tivesse pensado assim ele teria entregado Crest às autoridades dos Estados Unidos da América há 3.000 anos. O que quero dizer com refletir: é pensar na situação, ter objetivos e visões. Se você ainda tem o seu coração no lugar certo, nada pode dar errado.

Wirsal Cell terminou a sua lição de hoje. Eu pensei sobre isso. Os outros discutiram brevemente o assunto, em seguida, eles se dispersaram em todas as direções. Infelizmente, eu novamente perdi a chance de falar com Zantra.

Capítulo 9

Treino com armas

Após termos deixado mais dois meses de formação teórica e hipnotreinamento atrás de nós, começou o treinamento com armas.

Eu tinha um pouco de medo dele. A teoria ainda era muito mais fácil. Conheci a estrutura da organização de Camelot, aprendi muito sobre o trabalho nos escritórios nos diferentes mundos. Mesmo Reginald Bull, Gucky e Atlan foram referenciados como palestrantes convidados. Infelizmente não tinha me escapado que Zandra tinha os belos olhos inteligentes dos arcônidas.

Eu terminei a parte teórica como o melhor. O que também era de se esperar. Eu era agora mesmo espiritualmente superior aos outros, mas eu era muito tímido e modesto, para lhes falar sobre isto.

Gazh Ala entrou novamente em contato comigo. Eu encontrei esta manhã uma hipermensagem criptografada dela em minha caixa de correio.

* * *

Caro Cauthi, na Terra é um dia bonito de outono. Eu espero que você tenha passado bem o seu 18º aniversário. Um presente meu está a caminho, mas provavelmente vai demorar um pouco até que passe por todos os controles. Mas deve ir mais rápido porque eu simplesmente embalei junto notícias de Jaaron Jargon para Perry Rhodan.

Estou ansiosa para finalmente conhecê-lo em breve em pessoa. Estamos atualmente trabalhando num plano de Jaaron Jargon para Rhodan se apresentar pessoalmente. O velho realmente se esforça um pouco. Ele tem medo de soros que o fazem esquecer as coordenadas. Nós vamos ter que tomar alguns desvios para ele. Eu vou com ele, e então nos encontramos por último. Agora você deve ser certamente um homem jovem e bonito.

Meu cavaleiro que me salvou em Mashratan. Eu li as notícias sobre minha casa com preocupação. Kerkum se torna poderoso, são cada vez menores as chaces de liberdade e reformas em Mashratan. É trágico que a LTL apoie o coronel.

Isso é o suficiente por hoje. Desejo-lhe muita diversão com o seu treinamento prático. Ouvi dizer que Arlo Rutan é um grande feitor. Mas ele faz isso, para que possa aprender alguma coisa. Você já vai embalar. Não desanime.

*Sua Gazh Ala Nagoti el Finya
Terrânia 08 de outubro de 1282 NCG*

* * *

Sim, eu estava um pouco assustado antes do primeiro dia de treinamento. Contudo as palavras Gazh Ala me deram coragem. Quatro anos se passaram desde que eu a vira pela última vez. Naquela época seria uma surpresa visitar-me porque

ela tinha negócios a fazer em Camelot. Foi há muito tempo. Espero que ela realmente venha me ver em breve.

Eu infelizmente nunca mais ouvi falar de Rosan. Agora ela se chamava Rosan Orbanashol e se associara à nobreza arcônida. Ela tinha me esquecido há muito tempo.

Eu respirei fundo e ajeitei o traje de combate. Completei o traje colocando o capacete e então estava pronto para a primeira prática.

E ainda assim eu tinha tremores perante Arlo Rutan!

* * *

— Vocês são como moofs. Flácidos, viscosos e fracos. Cara, tornar vocês soldados de verdade é difícil — rugiu Arlo Rutan, com o rosto vermelho.

— Senhor, mas os moofs são reconhecidos por sua inteligência na Via Láctea. É ofensa discriminatória esse comentário sobre as pessoas — Antee Vamsar disse.

Rutan voltou-se para ele. Vamsar hesitou e abaixou a cabeça.

— Você, seu miserável cardo seco, provavelmente tem uma zerecchi⁵ no cérebro? Como se atreve a falar comigo? Eu sou seu chefe, seu Deus. Minha palavra é lei! Se você não gosta, então você enfia a viola no saco e cala a boca!

Vamsar assumiu a posição de sentido tremendo.

— Bom!

O ertrusiano cruzou os braços atrás das costas e olhou para o grupo.

— Quero fazer um verdadeiro dlas-uhus de vocês, seus fracos! Elas são aves de rapina, que entram em frenesi. Assim que veem você. E vamos começar!

Uma dúzia de robôs distribuíram radiadores térmicos. Fomos para um planador, que nos depositou num pântano intransitável.

A lama espirrou entre minhas botas. Cada passo teve de ser dado com cuidado. O planador foi embora. De Rutan nenhum vestígio. Nós estávamos por nossa conta.

— Em ordem. O que acontece agora? — Zantra perguntou.

— Nenhuma ideia. Estamos esperando por Rutan — disse Vamsar.

De repente surgiram de todos os lados robôs de combate TARA-UH. Eles abriram fogo. Eu abaixei e tentei atirar, mas a arma ainda estava travada.

Benyameen Pluzz caiu de volta para o pântano. Vamsar deixou cair a arma. Um raio o atingiu. Ele caiu na lama. Um por um, os outros cadetes caíram no chão. Deitei-me ao comprido. Zantra foi atingida. Ela entrou em colapso e caiu à direita na minha frente.

De repente, os robôs se retiraram. Ouvi o barulho de um planador. Lentamente eu me levantei. Arlo Rutan estava sentado no capô dianteiro, o charuto na boca, segurando um alto-falante na mão.

— Dezenove perdas, um homem sobreviveu. Parabéns, Despair. Da próxima vez deve destravar a arma. Bem, a maioria estaria morta agora. Esta é uma antecipação dos próximos dias.

Rutan saltou do planador. Ouvi gritos de socorro da esquerda. Rutan

5 Nota do revisor: um parasita que penetra através do crânio dos ertrusianos e corrói o cérebro.

caminhou nessa direção, curvou-se e enfiou a mão na lama. Ele puxou Pluzz para fora do pântano.

— Obrigado, senhor — sussurrou o cadete.

Rutan mastigou em silêncio o seu charuto e olhou em volta. Um por um, os recrutas se levantaram novamente. Finalmente, eu poderia me destacar com Zantra e a ajudar a levantar.

— Eles estavam com radiador de choque. Eles me paralisaram com rapidez — ela disse hesitante.

Rutan bateu palmas.

— Assim é o programa. Lidar com um radiador térmico, hierarquia em combate, procurar abrigo, e mais mobilidade. — ele riu. — Isso vai ser divertido!

* * *

Foi um pesadelo! Deitei-me na cama e tudo doía. Como eu sobreviveria nas próximas semanas?

Arlo Rutan agora nos tem atormentado por três semanas. A prática de tiro ao alvo era o caso mais simples. Hoje nós tivemos que treinar num SERUN com defeito. Nada de potenciadores musculares, dispositivo antigravitacional e todo o apoio técnico de um soldado. Rutan conduziu-nos através da área do pântano e declarou que um bom soldado deve confiar em primeiro lugar em seu corpo e não na tecnologia. Rutan relatou que há muitas formas e meios de colocar fora de ação um SERUN. Quanto mais moderna a tecnologia, mais sofisticados são os métodos para sabotá-la. Um soldado que ficasse apenas com o campo defensivo, o visor automático do alvo e o agradável climatizador de um SERUN, estaria morto.

Isso fez sentido para mim, mesmo que a informação parecesse antiquada para os outros cadetes. Allan Coohn quis saber por que precisaríamos, se nunca iríamos para uma missão de combate em pessoa; se você podia confortavelmente controlar da cadeira da nave espacial, *drones* e robôs de combate, o que não encantou Rutan.

Como punição Rutan tinha perseguido meu companheiro. O ertrusiano havia se sentado no módulo de controle de um robô de combate e arrastado Coohn através do pântano.

Provavelmente Allan tinha entendido a lição. Eu estava apenas cansado e caí num sono profundo.

Capítulo 10

Tempo para o amor?

Fim de novembro de 1282 NCG. Nós finalmente sobrevivemos ao treinamento como um soldado de infantaria. Tivemos três dias de descanso para relaxamento que eu usei para visitar a tia Ivy e o tio Tuzz. Eu mesmo já tive a oportunidade, porque cada recruta também tiveram um par de horas de folga, mas eu nunca tive o desejo de ver os dois.

Eu também poderia ter evitado isto para mim. Ambos foram tão superficiais como sempre. Tio Tuzz me perguntou, agora que era um adulto, quando eu então me mudaria completamente? Falei-lhe então sobre a herança de meus pais, mas ambos pensavam que nós iríamos falar sobre isso somente mais tarde.

O que isso significa?

Ela gaguejou e mudou de assunto novamente. Eu já tive o suficiente. Minha visita foi em vão. Eles tinham me dado os últimos 18 anos sem amor e atenção, por que eles deveriam fazê-lo agora?

Eu voltei e perambulei pela cidade velha de Port Arthur.

— Ei, sou eu, Zantra — alguém falou atrás de mim.

Eu me virei. Era Zantra Solynger. Ela acenou. Oh, ela acenou para mim? Olhei em volta à esquerda e à direita. Não me enganei. Ela realmente queria falar comigo. Meu coração estava batendo mais rápido.

Nós caminhamos um para o outro.

— Ei, o que você está fazendo aqui? — ela perguntou e sorriu para mim.

Ela estava fumando um cigarro e soprou a fumaça. Eu quase tossi, mas consegui me controlar.

Eu olhei para ela. Seu lindo cabelo louro longo, liso e escuro. A pele de Zantra era lisa e livre de quaisquer impurezas. A sua figura era magra, mas não malhada. Ela não tinha um grama de gordura a mais. Até mesmo seu nariz um pouco grande demais não me incomodava. Pelo contrário, porque ele dava-lhe uma característica inconfundível.

— O que você está fazendo aqui agora?

— Oh, me desculpe. Eu também não sei. Acabo de voltar de meu tio e tia. Não foi muito agradável. Então eu saí por aí sem rumo.

Ela tomou outra tragada do seu cigarro e soprou a fumaça para fora. De alguma forma, pareceu erótico, com a sua boca semiaberta, dentes brancos piscando, metade para fora sob os lábios. Deus, o que eu estava pensando?

— Vamos entrar na sala holográfica. Eu também não tenho nada programado. Talvez isso o distraia da visita desagradável.

Zantra queria ir para a sala holográfica comigo? Comigo? Não é um sonho? O que estava acontecendo?

— Sim — eu resmunguei animadamente.

Nós olhamos o holofime um pouco sem graça em que duas agentes do SLT deveriam impedir uma invasão de extraterrestres, enquanto uma conspiração completava o enredo. O filme foi uma questão menor.

Quanto mais tempo eu passei com Zantra vendo o filme, mais eu gostei, mas eu era muito tímido para falar com ela corretamente. Além disso, eu não tinha nenhuma experiência com mulheres. Eu simplesmente não sabia o que dizer para Zantra.

Para minha tristeza, não veio dela nenhuma iniciativa importante para me soltar. Ela não notou meu constrangimento o que de certa forma foi um alívio.

Depois do filme nós passeamos um pouco por toda a cidade. Desde que eu não ficasse nos meus tios, eu tinha que estar à meia-noite na Academia.

— Rá... rá...

— Você vai contar-me do que está rindo, Cauthon?

Limpei a garganta. Por todos os deuses, espíritos e entidades. Dá-me força, não seja o último idiota do pedaço.

— Você, eu quero dizer... você tem que voltar para o quartel? — tossi. Segunda tentativa. — Você vai voltar depois também para o quartel, ou você vai ficar com seus pais?

— Ah, agora eu entendo. Não, eu estou dormindo com minha mãe e seu amante.

Que palavra horrível. Mas existem muitos nomes para namorado ou namorada. A palavra parceiro teria sido suficiente. Esta parece tão cruel. Tão limitada. Como se tivesse sido premeditado não ficarmos juntos para sempre. Que sentido tinha então um caso de amor? Eu também já vi contratos de casamento ruins.

Eu não era realmente fervoroso diante do Senhor, mas sem amor poderia existir um casamento? Não faz sentido, certo? Mas existem muitos seres que não colocam nenhum valor em tradições ou grandes emoções às quais, no entanto, nunca deram importância.

Zantra e eu estávamos na frente de um holocubo onde uma ópera terrana era passada. Zantra parecia muito impressionada com eles. Eu não entendi uma palavra, porque foi cantada na língua original do italiano terrano.

— O que é bom? — eu perguntei.

— O amor... ela disse suavemente.

Eu não respondi.

Amor... eu não poderia dizer nada. Eu não amara ninguém corretamente. Pelo menos não uma pessoa viva. Meus pais me amavam seguramente, mas agora não havia ninguém. O que Ivy e Tuzz tinham feito para mim hoje mostrava isso claramente. Eu estava sozinho. E eu também tinha anseios e necessidades.

Olhei furtivamente para Zantra. Ela era muito bonita. Meu coração estava batendo novamente mais forte. Se ela pudesse me amar? Eu tinha medo de perguntar a ela. Devo me concentrar nela? Ela não se afastou de mim, pelo contrário!

— Eu... tenho que ir agora, infelizmente. É quase meia-noite. Caso contrário eu teria problemas — eu disse suavemente.

Ela sorriu.

— Entendo. Foi uma noite agradável. Devemos repetir outras vezes. Vejo você na academia.

Ela me deu um beijo na bochecha. Eu estava paralisado, prometi naquele momento nunca mais lavar o rosto. Mas poderia eu beijá-la em seguida?

Mais do que um “até logo”, eu não consegui dizer. Então ela já tinha ido embora. Eu me ressentia de minha timidez e esperava que nós realmente repetíssemos esta noite em breve.

* * *

No dia seguinte ela ligou. Eu estava totalmente confuso e feliz ao mesmo tempo. Combinamos de nos encontrar à noite para uma caminhada no parque atrás da Academia.

— Após amanhã nós vamos de novo. Logo após a formatura começa — eu não consegui dizer nada.

— Ad Astra, cadete — ela brincou. — Você nunca voou com uma espaçonave?

— Sim, há oito anos, junto com Perry Rhodan e Gucky. Estávamos no mundo chamado Mashratan.

Ela olhou para mim com ar de dúvida.

— Naquele planeta perigoso? Você está mentindo! O que você fazia lá?

Eu disse a ela sobre a minha pequena aventura e sequestro. No começo eu senti que Zandra achava que eu estava caçoando com ela, mas finalmente acreditou em mim e estava visivelmente impressionada.

— Então você é amigo de Rhodan? Eu não podia imaginar.

Eu ri. Era hora de mostrar algo. Peguei meu pod e lhe mostrei a mensagem de congratulações que Perry enviara ontem.

Muito bem, Cauthon! Rutan é um sujeito difícil, mas você aprendeu alguma coisa com ele. Agora você pode concentrar seu tempo com as horas de voo, de modo que você ganhará tempo até que a GILGAMESH esteja concluída. Mas, infelizmente, terá que trabalhar, em seguida, no módulo de Gucky. Cuide-se.

Perry Rhodan

Zandra acenou com a cabeça em aprovação.

— Então você quer ser astronauta?

Eu confirmei as suas suspeitas. Fomos para a torre Arthur no centro do parque. Com a sua altura de 570 metros, oferecia as melhores vistas de Port Arthur.

O dispositivo antigravitacional nos levou rapidamente para o topo. Zandra riu e ergueu os braços, enquanto ela flutuava para cima. Eu, no entanto, mantive-me bastante contraído.

Eu curtia cada momento com ela. Sim, eu estava apaixonado por ela. Eu não sabia exatamente o porquê, mas isso importa? Meu coração batia mais rápido em sua presença, e eu não sei se eu deveria deitar ou pular de alegria, tão confuso eram os meus sentimentos.

Mas como eu poderia dizer isso a ela? Ela riria de mim certamente e iria fazer uma cena. Então eu seria capaz de saltar da torre.

Zandra ficou no parapeito, olhando para as profundezas. A vista sobre Port Arthur era de tirar o fôlego. A cidade brilhava como as estrelas. Apesar de meus problemas circulatórios me senti feliz e seguro com Zandra.

Havia este sentimento de familiaridade. Como se eu a conhecia toda a minha vida. Foi só após meio ano, e só ontem nós conseguimos nos falar livremente. Eu já tive este sentimento, mas com Cau Thon.

— Uma bela vista — ela disse suavemente e olhou para mim de lá. Seus grandes olhos azuis fizeram o meu coração bater. Se as coisas continuassem assim, eu teria um ataque cardíaco. Eu tive que me controlar.

— Sim, Camelot é um mundo lindo — eu disse timidamente.

— Há até mesmo mundos mais belos. Não estou me enganando, eu espero — disse Zantra.

Eu teria ouvido mal?

— O que você quer dizer?

— Eu falo de Sverigor — ela explicou. — Eu passei minha infância lá. É um mundo maravilhoso. Tão tranquilo! Estou pretendendo um lugar na representação de Camelot lá.

— Mas... mas... tem as aulas de voo, certo? Você ainda tem que terminá-las!

Zantra olhou para mim novamente. Eu me sentia que tinha que beijá-la agora. Mas me faltava a coragem.

— Bem, após o treino de astronauta eu tenho o básico. Em seguida, eu teria instrução mais específica na filial. Eu também poderia ser enviada diretamente para Sverigor. Mas para isso eu preciso de uma autorização especial.

— Entendo — eu percebi, decepcionado.

— Sim!

— Sverigor está longe de Camelot. Você não deve apressar as coisas...

— É o meu maior desejo de viver naquele mundo maravilhoso — ela disse com um brilho em seus olhos. — Talvez eu possa ser nomeada no escritório de Camelot um dia.

Eu estava no parapeito e olhei para a cidade. Decidi, por enquanto nada confessar-lhe do meu amor. Por minha causa, ela certamente não iria desistir de seu grande sonho. Isso só iria complicar desnecessariamente tudo.

Nós nos sentamos em duas cadeiras confortáveis.

— Diga-me mais sobre você — eu pedi a Zantra.

Ela conversava enquanto o tempo passava. Ela era um ano mais nova do que eu. Ela tinha vindo com oito anos para Camelot. Nascida na Terra, ela e seus pais tinham vivido dois anos em Sverigor. De acordo com ela, tinha sido o melhor momento de suas vidas.

Após o divórcio de seus pais a sua mãe a tinha levado para Camelot para trabalhar como cosmopsicóloga aqui. Aparentemente, ela provavelmente tinha vivido fortes diferenças com seu pai. Zantra nunca tinha ouvido falar qualquer coisa de seu pai. Mas como? Nenhum espectador inocente sabia as coordenadas de Camelot.

Para mim soou como um rapto por sua própria mãe, mas Zantra via claramente diferente. Eu não queria me envolver. A sua mãe então se casou com um sintrônico alguns anos atrás. A vida de Zantra não era tão sombria quanto a minha. Houve apenas os problemas normais de adolescente.

Mágoas. Ela falou descaradamente sobre o fato de que seu namorado a tinha deixado há poucos meses. Bem, espero que ele nunca mais voltasse.

Fiquei muito impressionado com a sua atitude. Apesar de viver em Sverigor fosse seu maior sonho, porque ela amava a natureza e os seres vivos de lá, ela não quer fugir das suas responsabilidades.

— Eu quero alguma coisa em minha vida. Talvez ele tivesse sorte, minha mãe

mudou-se comigo para Camelot. Eu acho que a história é escrita aqui. Não há melhor lugar para definir o cenário para o seu próprio futuro, neste momento — disse ela novamente, fumando um cigarro, esta coisa indizível.

Eu concordei com ela. Nós compartilhamos muitos pontos de vista.

Eu também queria fazer a diferença. Eu acho que seria a pior coisa, morrer e não ter alcançado nada. Não encontrar um lugar nas crônicas da história.

Todos esses anos eu tinha sido um ninguém. Apenas em Mashratan eu tinha brevemente cheirado a história. Por todos esses anos ela rira de mim e me desprezara.

Mas isso mudaria. Eu era o melhor na minha classe até agora. E gostaria de terminar como o melhor. Todos eles me renderiam muito respeito e admiração.

E isso me fez amar a determinação de Zantra. Eu senti isso mais e mais. Nós pertencíamos um ao outro.

Capítulo 11

O primeiro voo espacial

Zantra e eu passamos a próxima semana bem juntos e conversamos muito. Passamos um tempo juntos durante o treinamento de simulação com caças, *space-jets* ou o módulo esférico. Somente no hipnotreinamento estávamos naturalmente separados. E essa foi a lição final.

Mais e mais meu coração batia por ela. Eu tinha finalmente encontrado a coragem de confessar a ela meus sentimentos. Eu tive a sensação de que ela estava apenas esperando.

O natal estava se aproximando, e eu me perguntei se eu deveria comprar algo como um presente. Ela ficaria contente com isso ou riria de mim? Eu estava com medo. Eu não queria ser ridicularizado nunca mais. Eu remoía o caso do meu servo robô todos os dias.

Em 23 de dezembro, a Academia organizou um grande Natal. Perry Rhodan foi convidado. No passado, eu era capaz de ver Perry. Este dia seria a oportunidade perfeita para dar a Zantra um presente de Natal.

Se eu encontrar a coragem de fazer...

Era isso o que nos aguardava hoje, um prazer absoluto. O primeiro voo solo com um caça espacial.

O nosso grupo juntou-se num transmissor e foi rematerializado na Academia da Base Estelar II. Wirsal levou-nos a um hangar. Havia trinta jatos Hunter SH234 / 4 e vinte caças espaciais Nimrod.

Os jatos Hunter que eram utilizados no sistema de defesa terrano eram puras naves de combate. A estrutura era compacta, estreita na altura, e que não tinha propriedades aerodinâmicas, parecia uma piranha. O armamento era enorme, para um caça espacial, com três canhões diferentes além do canhão conversor de 500 gigatons.

Além do cenário principal da aplicação na defesa do sistema eram utilizados para reconhecimento. Tinham autonomia suficiente para operar em toda a Via Láctea.

Estávamos bem informados. Sem muitas palavras para perder Wirsal Cell nos deu a ordem de embarcar num jato Hunter. Eu escolhi o da direita em frente a mim. O monoposto era de cerca de 12 metros de comprimento, três metros de largura e seis metros de altura.

Subi a escada para o cockpit e entrei. Duas equipes swoons estavam esperando por mim no hangar e verificaram o meu traje espacial. Lentamente, eu me deixei escorregar no assento confortável. A cúpula do cockpit se fechou. O swoon examinou o fecho e bateu duas vezes sobre o vidro. Esse foi o sinal de que estava tudo bem. O segundo swoon acenou para mim. Eu acenei de volta. Senti isso meio estranho.

Na minha frente estava o módulo de controle num console semicircular. O botão de tiro estava num clássico *joystick*. Várias telas sobre o estado do caça espacial, a velocidade, a prontidão operacional dos diferentes armamentos.

Eu pressionei o sensor verde para iniciar a sintrônica. Um pequeno homem de 15 centímetros apareceu à esquerda do console.

— Bom dia, piloto estelar. Eu sou a sintrônica. Você pode me chamar de C-8718 RA-II.

Eu só fiz — Aha.

— Se ainda não sabe, a SH234 / 4 tem um propulsor metagrav com uma aceleração máxima de 1.350 metros por segundo ao quadrado. O mais elevado fator ultraluz alcançável é de 48 milhões. Além disso, o SH234 / 4 tem um propulsor e um antigravo gravopulso.

— Isso tudo é familiar para mim, sintrônica.

— Eu tenho um nome — a criatura artificial respondeu ofendida. — C-8718 RA-II.

Isso poderia ser divertido. Eu ativei os propulsores a partir dos sistemas. O dispositivo antigravitacional fez a nave flutuar. Lentamente, virei a espaçonave em direção ao hangar.

Recebi permissão para iniciar. O caça espacial deslizou em direção à escotilha do Hangar. No campo defensivo foi formada uma fenda estrutural. Acelerei o caça espacial lentamente. Quando eu tinha certeza de que a planagem estava num curso exato para a fenda estrutural, aumentei a velocidade.

— Mais devagar, Despair! — ressoou do intercomunicador. Mas já era tarde demais. Acelerei o caça para a abertura. Na minha frente estava livre o caminho para o espaço sideral. Estrelas e outras espaçonaves menores que estavam em órbita. Espaço infinito. Eu desenhei uma curva para a estação espacial e vi Fênix. Era como há oito anos. Uma impressionante visão do planeta.

Controlar o caça espacial foi fácil para mim. Nas simulações eu o tinha dominado perfeitamente. Eu voei para os estaleiros. Lá, os módulos da GILGAMESH eram montados. Dezenas de milhares de quilômetros de distância, pairando num segundo estaleiro. Aqui estavam duas naves esféricas de 1.000 metros de diâmetro, que iriam levar o nome de IVANHOE e TAKVORIAN.

— Quando você acabar os seus passeios extras, junte-se à formação — rosnou ele pelo intercomunicador. Wirsal Cell soou um pouco indignado. Me juntei aos outros. Sob as instruções do centro de comando que estavam realizando diversas manobras.

Através das comunicações internas me mantive informado. Cell e os pilotos mais experientes gritaram várias vezes comandos num tom mais agudo. O controle manual foi retirado de Benyameen quando ele voou muito perto de outros caças.

Alguns cadetes tiveram que retornar para a estação espacial. A mim e a alguns outros, ainda era permitido atacar alvos selecionados num campo de asteroides.

Isso foi como os jogos de vídeo antigo da minha infância. Quanto mais tempo eu voava com o caça, mais gostava dele e mais confiante ficava em minhas ações.

O caça espacial possuía o canhão conversor de 500 gigatoneladas, lançadores de foguetes espaciais, um canhão MHV, um desintegrador e um paralisador que estavam disponíveis. O duplamente escalonado campo SAE e o campo paratron protegeriam a máquina dos pequenos e dos grandes asteroides.

Os asteroides que voavam aleatoriamente apresentavam para mim um desafio. Eu apreciei cada segundo, ao manobrar entre eles. Um raio de luz brilhou na esquerda. Zandra tinha tocado um asteroide. O campo defensivo impediu um

dano, mas Zantra tinha errado o alvo, infelizmente.

Eu terminei como o melhor da prática e estava orgulhoso de mim. Finalmente eu tinha encontrado onde eu poderia demonstrar minha superioridade.

Os gritos abusivos contra mim há muito haviam cessado.

Capítulo 12

Crise

A partir das crônicas

A primeira semana de dezembro 1282 NCG foi marcada por uma crise humanitária, econômica e moral no governo que poderia ser suficiente para derrubar o governo de Daschmagan. Lembrei-me da crise do governo de Medros Eavan. As suas maquinações duvidosas com empresários sem escrúpulos e da administração da Mashratan tinham prejudicado muito a sua reputação.

Estava mais bem informado do que a mídia da LTL graças a Homer G. Adams e Gazh Ala. Foi graças à organização Camelot que a verdade veio à luz sobre a perigosa aliança entre Mashratan e a LTL.

Camelot tinha enviado vários relatórios aos meios importantes de diferentes mundos da LTL e também publicado nas próprias plataformas independentes. A imprensa não queria deixar escapar a história, assim como temiam pelo apoio dado.

Mashratanos apoiava mercenários terranos na exploração dos sistemas planetários subdesenvolvidos.

Há sangue nas mãos da LTL.

A Liga Hanseática Cósmica e Mashratan escravizava as populações coloniais.

Essas foram apenas algumas das manchetes do 03 de dezembro de 1282 NCG. O que tinha acontecido? Agentes de Camelot haviam documentado as condições de trabalho em alguns sistemas planetários da LTL e mundos independentes associados. Tropas de proteção de Mashratan e mercenários de subsidiárias que se associaram com Mashratan, escravizando a população. Sob condições terríveis seres inteligentes trabalhavam por uma ninharia. Mas o que mais chocou os cidadãos da LTL, quem eram os culpados: negociantes terranos e arcônidas.

Por enquanto o Império de Cristal dificilmente atribuiria importância para essas maquinações de natureza jurídicas dos indignados cidadãos, ligas socialmente engajadas, igrejas e até mesmo das pessoas comuns na rua.

Primeiro a Liga Hanseática negou as ligações com as Indústrias Shorne. O novo diretor-gerente Michael Shorne, que tinha herdado de seu pai Willem no ano passado, disse à imprensa: — Eu tenho uma consciência absolutamente limpa. Temos instruído empresas de segurança para garantir o bem-estar e a segurança de nosso pessoal. Isso inclui os trabalhadores como uma regra geral pois sempre recebem um salário justo e razoáveis condições de vida — era a opinião de Shorne.

Mas a pesquisa revelou outra coisa. Com brutalidade seres foram forçados em seu trabalho. Na Terra não se via uma coisa dessas desde os dias em que Perry Rhodan tinha estabelecido a Terceira Potência.

Claro, a Liga Hanseática Cósmica negou qualquer abuso e declarou que os relatórios como falsificados. Meu “amigo” Bekket Glyn sentiu uma conspiração “rhodaniana-julziische” que tinha sido apoiada por “românticos sociais de esquerda” na Terra. Rhodan encenara um grande show para dismantelar os pilares econômicos e as elites da LTL. Isso seria uma declaração hostil de rhodanianos,

tinha declarado Glyn no seu programa.

Por que, na verdade, não foi demitido há muito tempo atrás? Mas bem, era a liberdade de expressão. Em caso de dúvida, o público deve decidir por si próprio se ele acredita nessa bobagem ou não. É isso que se esperaria de seres inteligentes do espaço, certo?

A pressão não diminuiu nos dias seguintes. Paola Daschmagan convocou uma reunião à porta fechada. Ficou claro que ela temia por seu posto. Ela tinha cortejado há não muito tempo atrás o coronel Kerkum na Terra.

Poucas horas depois, veio o anúncio oficial, que foi apresentado pela própria Primeira Terrana.

— Estamos consternados pelas atrocidades cometidas pelos chamados empresas de segurança e nós condenamos a sua brutalidade. Após intensas discussões com o fato envolvendo empresas terrestres nós prometemos uma melhoria das condições de trabalho seguindo o modelo terrano. Vamos negociar com as administrações dos mundos afetados para deixá-los participar do progresso da LTL.

De acordo com os conselhos de administração os contratos de negócios terranos participantes com todas as empresas de segurança serão encerrados.

Temos que repensar nossas relações comerciais com Mashratan. Por agora, vamos colocar o negócio em espera. Como uma democracia moderna, devemos respeitar os direitos de cada indivíduo na Galáxia e não permitir ofensas contra a dignidade dos seres inteligentes por quaisquer meios.

Queremos encorajar o governo e o povo do Mashratan ao diálogo e à introdução da democracia.

O lema era claramente mitigação. Eu duvidava que os responsáveis realmente tinham o bem-estar dos mundos explorados como objetivo. Eles, de outra forma, há muito teriam rompido relações com Mashratan. Mas Mashratan foi realmente o único culpado? Seus serviços não foram pagos pelo sim da LTL? Foi uma decisão a partir de um ponto de vista puramente econômico e vantagens para as empresas terranas e arcônidas, tornar mais barato os custos de produção. Se os trabalhadores tivessem no planeta as mesmas condições que o trabalho na Terra, a vantagem sumiria. Se um governo democrático que não se preocupasse com seu próprio bolso, mas com as concessões de matérias-primas negociadas de forma justa no interesse do seu próprio povo, os comerciantes que não tivessem apenas seu próprio lucro em mente, nada disso teria acontecido.

No entanto, o viver à custa dos outros, apesar de todas as mudanças na situação negativa na sociedade foi desaprovada na LTL. Daschmagan sabia e ao contrário de seus antecessores, ela agiu rapidamente. Talvez tivesse sido o homem forte que estava no fundo por trás dela. O comissário da LTL Cistolo Khan era tido por muitos como um homem de ação e de decisões rápidas. Talvez a escolha de Khan para comissário da LTL, tinha sido o maior destaque da Primeira Terrana.

O Governo da LTL tinha agido de forma lógica, pelo menos a partir de sua perspectiva. Ele se distanciou dessas ações, obrigou as empresas a uma parceria limpa e justa com os planetas subdesenvolvidos e carimbou Mashratan como bode expiatório. Mas o gerente das corporações terranas multigalácticas fora igualmente proscrito. Mas, para ele isso não viria naturalmente. Embora a decisão tenha sido saudada pela ampla maioria da população, também houve vozes críticas no campo

nacionalista e nas associações comerciais.

O presidente da associação de empresários Koether havia se expressado da seguinte forma: — É alarmante e perigoso que o Governo da LTL interfira tão profundamente nas condições sociais dos mundos alienígenas. A partir de uma perspectiva econômica, isso enfraquece a nossa competitividade quando as exigências utópicas são feitas para melhorar as condições do trabalhador.

Koether também ameaçou aumentar o número de robôs na produção, porque eles são menos onerosos do que o trabalhador — que tem salários escandalosamente altos.

No entanto, ele esqueceu a Lei de Proteção dos Trabalhadores, que afirmou que uma natureza inteligente tinha que ser em todos os momentos de preferência estabelecidos a seu pedido na frente de um robô. No entanto, muitos postos de trabalho não estavam felizes sobre os seres. E esta lei, é claro, não estava em qualquer planeta.

Agora, o governo Daschmagan havia evitado uma crise. Mas como o coronel Kerkum responderia às sanções econômicas?

Jaaron Jargon em dezembro 1282 NCG

Capítulo 13

No final sozinho

— A sua amiga Gazh Ala fez uma importante contribuição ao desmascarar os mercenários de Kerkum — Perry Rhodan disse, sorrindo para mim. — Ela pode dizer-nos nomes e tem por vários anos trabalhado intensamente com a gente. Sem ela, isso não teria sido possível.

Espero ver Gazh Ala em breve. Ela havia anunciado a sua visita para o início de janeiro. Eu entendia que ela não fora autorizada a viajar livremente entre a Terra e Fênix e voltar. Mas eu sentia falta dela.

Rhodan ajustou o meu traje.

— Você fará uma boa impressão nas jovens senhoras na festa de Natal.

— Na verdade, apenas a Zantra Solynger — eu disse.

Rhodan suspirou, mas não comentou nada sobre isso. Nós viajamos para a Academia Espacial. Eu estava orgulhoso de estar autorizado a aparecer com Perry Rhodan em pessoa na festa de Natal.

Nós não nos relacionávamos pessoalmente, mas Perry tinha mantido contato regular comigo. Ele estava orgulhoso de minhas realizações na academia. Eu disse a ele sobre minhas manobras com os caças e ele me prometeu que um dia eu estaria a serviço no GILGAMESCH ou IVANHOE.

E é claro que eu falei com ele sobre Zantra. Bem, eu acredito que na verdade foi um monólogo. Perry fez apenas ocasionais — Uh-hum — e — Oh? — Perguntei-lhe se Zantra poderia, então, também entrar a serviço no GILGAMESCH?

— Vamos ver. Converse melhor com ela — respondeu Rhodan laconicamente.

Chegamos na Academia. Wirsal Cell nos deu as boas-vindas. Ele usava um smoking com gravata borboleta. Assim eles chamavam estes antigos trajes. O salão de festas estava bem arrumado. Uma grande árvore de Natal no meio do salão, ricamente decorada e luzes quase demasiado fortes; provavelmente todos os visitantes foram dominados pelo seu feitiço. Cell me deu um tapinha no ombro.

— Bem, aluno exemplar, você está animado em passar para o próximo nível?

Eu balancei a cabeça e fiz uma saudação.

— Sim, senhor!

Cell riu gostosamente.

— Rhodan, ele crescerá muito! Cauthon Despair tem o que é preciso para fazer história — disse Cell.

Rhodan acenou.

— Louvores não são bons para o ego. Cauthon vai encontrar o seu lugar, mas ele também tem muito a aprender.

Por que Perry disse algo desagradável para mim? Eu era o melhor do curso! Ninguém me superou! Por que Rhodan diminuiu meu valor? Será que ele não confia em mim? Eu me afastei e pareci irritado à Zantra. Encontrei-a no bar. Além disso ela estava com um menino bonito, que tinha dois anos de treinamento a mais que eu. Ele usava um uniforme colorido com todos os tipos de prêmios. Agora, essas comendas ainda me faltavam, mas estavam por vir.

— Olá — Zantra me cumprimentou.

— Ei — eu disse laconicamente, estudando meu adversário. Cabelo curto, grosso, raspado como um bebê popô e bem bronzeado. Eu não gostei dele.

Ela novamente se voltou e se concentrou no espertinho. Eu fui esquecido, me senti perdido e levei um tempo para entender que Zantra, com um “olá” me havia despachado.

Antee Vamsar e Benyameen Pluzz passaram. Afinal, eu me sentia tão sozinho, que eu não apreciava a presença dos dois. Eu bebi dois coquetéis Vurguzz até que Zantra finalmente voltou a sua atenção para mim.

— Está tudo bem? — ela perguntou com um sorriso.

— Sim — eu rosnei, pensando o contrário.

— Sorria, Cauthi! A propósito, meu amigo Ygor. Ele acaba de terminar a Academia e adivinha onde ele foi comissionado? Em Sverigor! Ele é chefe de segurança da sucursal de Camelot. E agora...

Ela deu uma risadinha. Seus olhos brilhavam.

Eu preciso apenas de uma palavra do chefe. Amigo! Ela enfatizou a palavra como se isso não significasse um bom amigo.

— E eu vou cancelar a academia e terminarei a educação em Sverigor como assistente. Ygor vai me treinar. Eu já posso ir em janeiro para Sverigor.

Ela tomou a mão de Ygor. Ambos se olharam nos olhos e sorriram. O que acontecia ali? Zantra tinha um namorado? Ela deixaria Fênix já no próximo mês? Ela me deixou?

Por esta peça arrogante de detritos espaciais?

Eu precisava de um Vurguzz. Eu não estava acostumado com tanto álcool, mas o que fazer? Minhas mãos tremiam. Eu não conseguia falar.

— Você não está feliz por nós?

— O quê? — eu disse sem expressão.

— Nós recebemos permissão de Perry Rhodan pessoalmente. Essa é a coisa boa sobre este homem. Ele tem um ouvido aberto para o seu povo, ajudando-os ainda mais — disse este vil Ygor com um sorriso. Então ele ergueu a taça. — Você pode nos visitar, baixinho. Caso você tenha terminado o treinamento, é claro.

Baixinho?

Eu queria enfiar seu copo pela garganta desse arrogante imbecil engomado até que ele se engasgasse com ele. Mas eu apenas sorri e acenei com a cabeça. Onde estava a minha coragem? Sim, bem, eu poderia vencê-lo, então? Eu estava com medo das consequências. Eu tive que realmente me ater às regras de Camelot e fazendo o que Perry Rhodan me pedia.

Perry Rhodan! Então, ele tinha emitido para Zantra uma autorização especial. Como poderia? Ele sabia que eu amava Zantra e que pertencia a mim. Agora, ele a tirou de mim.

Oh, seu idiota! Eu tinha sido muito hesitante, tinha pensado que eu tinha todo o tempo do Universo para conquistar seu coração. Sim, eu tinha imaginado, ela queria que fosse assim. Mas ela tinha me traído. Ela tinha me ludibriado o tempo todo.

Lá estava ela. Sorria estupidamente para si mesma e não mostrava uma ponta de arrependimento e remorso. Porventura não se importava ou ela era tão ignorante que não tinha notado os meus sentimentos? Ela não percebia que meu

coração estava quebrado?

— Bem, você ainda pode ficar por aqui. Nós vamos dançar agora.

Zantra e Ygor me deixaram em pé. Eu levitei. Eu estava sem ar. Eu era Cauthon Despair! Ela poderia me ter e este canalha pomposo tomou o meu lugar.

Eu era mais inteligente, moralmente íntegro e também um melhor astronauta. Wirsal Cell tinha dito isso. Eu faria história!

Eu... eu... novamente precisava de mais um Vurguzz!

Um servo passou voando. Eu pesquei um copo da bandeja e a esvaziei. Outro! Eu já não estava mais sóbrio. Todos esses idiotas estúpidos. Eles estavam muito abaixo de mim. Eles queriam ser a elite da Via Láctea? O que eles sabiam? Eles sabiam que eu senti toda a minha vida a dor da solidão? Eles sabiam o que era nunca ser amado e ainda tentar fazer algo de sua vida?

Não! Outro Vurguzz. A bebida era gostosa!

Eles não sabiam nada! Ficavam ali e flertavam ao redor como se eles tivessem sido escolhidos por AQUILO pessoalmente.

Vamsar voltou. Ele vinha com uma amiga e trazia outra amiga com ele. Uma loira alegre que se chamava Maryssa. Maryssa era bem proporcionada e de grande beleza natural. A sua feminilidade transbordava do vestido estreito, vermelho e preto. As suas pernas pareciam não ter fim. Eu não sabia o que dizer.

— Maryssa ainda está à procura de uma companhia para esta noite — Vamsar disse e riu. De braços dados, ele desapareceu com a sua companheira.

Olhamos um para o outro. Eu senti os efeitos do Vurguzz. Eu também pensei em Zantra.

— Você não vai convidar-me para dançar? — perguntou Maryssa e bateu os cílios.

— Não!

Seu sorriso desapareceu. Eu me virei para um Vurguzz. Sim, ela parecia arrebatadora e moveu os quadris no ritmo da música. Mas eu não quero dançar. Isso não era para mim. Eu me fechei em mim.

Eu sorri para Maryssa quando ela voltou. De repente, ela me puxou para a pista de dança. Eu me senti como um idiota. Maryssa dançou provocativamente ao meu redor, flertou com outros homens e mulheres, enquanto eu me sentia perdido e degradado.

Eu pulei aqui e ali mexendo os braços e pernas. Pensei que fosse uma dança. Após o final da música a loira se pavoneou para o bar. Vurguzz! Sim, uma boa ideia.

Maryssa foi imediatamente cercada por três rapazes. Bem, eu provavelmente era uma companhia descartada. Afinal de contas, os Vurguzz tomaram conta de mim. Onde estavam Perry Rhodan e Wirsal Cell? Ou a infiel Zantra?

— Saudações! — Maryssa disse e me brindou.

Lá estava ela de novo. Eu queria saber por que tal beleza continuava comigo. Zantra tinha me rejeitado sim e o gigolô ainda estava lá. Será que ela gostava de mim? Ou teria sido paga por Antee?

— Você veio com Perry Rhodan. Isso foi uma coincidência? — perguntou ela.

— Não, nós nos conhecemos há muito tempo. Eu provavelmente vou ser comissionado na GILGAMESCH até ao final do treinamento.

Maryssa me olhou surpresa. Ela sorriu.

— Você é uma verdadeira estrela, baixinho!

Ela pressionou seu corpo firmemente contra o meu e sussurrou: — Eu gosto de pessoas como você.

Comecei a tremer. Eu apenas sorri brevemente e não tinha ideia de como responder.

Ela esvaziou a sua bebida rapidamente e fumou um cigarro. Eu tossi por causa da fumaça. Por que todas as mulheres fumavam, será que eu podia saber?

Ela riu suavemente e ofereceu um para mim, mas eu recusei. Maryssa colocou o braço em volta do meu ombro.

— Uma estrela como você deve ter muitas meninas aos seus pés. Quantas? — ela perguntou em voz baixa.

— Como?

— Você sabe?

— Mulheres?

— Mulheres, homens ou extraterrestres. Estou aberto a qualquer coisa.

Ela olhou para mim significativamente. Eu tive que me controlar. Eu me senti mal com o Vurguzz, eu ainda pensava em Zantra e não podia ou não queria escapar da magia daquela mulher. Ela gostava de mim definitivamente. Talvez fosse uma ironia do destino? Zantra me deixou para baixo miseravelmente enquanto Maryssa preparava-se para conquistar meu coração. Eu esvaziei mais um Vurguzz. Ah, e mais outro. Certamente estava seguro.

Sim, eu sabia que podia confiar em Maryssa. Então, eu fui honesto com ela.

— Eu dormiria agora com qualquer mulher, até mesmo com um homem ou um extraterrestre — eu disse com uma piscadela.

Maryssa rompeu com o abraço.

— Isso é uma piada!

— Não... e?

Ela começou a rir alto. Ela ria de mim. Ela riu tão alto que muitas pessoas olharam para nós.

— Eu sinto muito, mas isso é realmente ótimo! — ela disse, sorrindo amplamente.

Eu não partilhava a sua diversão. Eu fiquei como uma estátua de sal solidifica ao lado da loira ainda rindo alto.

Ela zombava de mim. Ela não me respeitava. Não me levava a sério. Agarrei-lhe o pulso e apertei com força. Agora ela parou de rir.

— Quem você acha que é, cadela desmiolada? Só porque você está agindo como uma porca, não significa que você é superior. Eu sou melhor que você!

Eu ficava doente quando alguém ria de mim. Ninguém tinha o direito de rir de mim. Ninguém! Eu odiava Maryssa. Esta cadela barata deveria ser engolida pelo buraco negro mais próximo.

Eu a deixei de lado e fui para a saída. Ou tentei. Cada passo era difícil. O que havia de errado comigo? Tudo girava e me senti tão mal!

Eu não fiquei mais junto daquela estúpida caprichosa, mas tentei alcançar os banheiros, sem bater em alguém.

Isso não foi tão fácil. De repente, alguém me agarrou pelo braço. Era Rhodan. Ele estava me devendo. Ele tinha dado à Zantra permissão para se afastar.

— Você provavelmente já olhou demais para o fundo do copo — Rhodan disse com firmeza.

Eu não falei nada. Rhodan me levou para a varanda. Sentei-me numa cadeira de praia.

— Todos me odeiam — eu disse.

Isso era verdade. Todos me odiavam e zombavam de mim.

— Bobagem — Rhodan disse. — Você deveria ir para a cama e dormir.

Acenei que não. Na melhor das hipóteses, eu morreria hoje. E de qualquer maneira, ninguém perderia nada.

— Eu gostaria de ter uma família de verdade — eu sussurrei. — Você entende, uma mãe e um pai! Então eu sonho que eu me encontro com a garota da minha vida e que a trazia para casa comigo e os meus pais e imaginei que passaríamos o Natal juntos. Eu nunca passei um Natal bonito!

Eu comecei a chorar. O mundo era tão injusto para mim. O Universo me odiava.

— Zandra era a menina dos meus sonhos, mas ela deixou-me tão só. Realmente só!

O imortal colocou a mão no meu ombro.

— Sinto muito!

Não sentia! Ou ele não permitiria que ela partisse para Sverigor. A amizade era apenas fingida. Como todo mundo. Ele apenas se aproveitou de mim. E se ele não precisasse mais de mim, eu viraria poeira estelar.

Um dia, o Universo iria respeitar-me. Eu não era uma piada. No entanto, agora eu estava realmente ruim...

Capítulo 14

O momento da verdade

Eu tinha vergonha até depois das férias pelo meu comportamento na festa. Como eu poderia ter me deixado levar? Como eu poderia esperar ser respeitado, se eu me comportava daquele jeito?

Maryssa não era importante naquele momento. Eu só sentia repugnância por ela. Assim como para Ygor.

Mas eu tinha que ver Zandra. Levou alguns dias até que eu tivesse a coragem de chamá-la. Mas ela me evitava. Ela não tinha tempo para um encontro, pois estava muito presa nos preparativos. Após alguns dias eu finalmente reuni a coragem de visitá-la sem aviso prévio.

Zandra me encarou com surpresa, quando ela abriu a porta.

— O que você quer? — ela perguntou emocionalmente distante.

— Saber por que você me trata assim. Eu pensei que nós éramos amigos. Eu esperava que — eu respirei fundo — reparasse em mim e correspondesse aos meus sentimentos. Mas então isso!

Zandra me olhou fixamente. E agora? Como poderia ir em frente? Será que ela vai ficar calada para sempre? Devo dizer mais?

Finalmente ela quebrou o silêncio, mas, presumivelmente, teria sido melhor se ela tivesse se mantido calada.

— Eu sinto muito, Cauthon. Mas você não é mesmo o meu tipo. Além disso, meu futuro está com Ygor em Sverigor. Você entendeu mal, como outros.

Então era isso. O que entendi mal quando Zandra telefonava e nos encontrávamos regularmente e me dava tanta atenção? Eu teria sido apenas um passatempo para ela?

Ygor de repente estava ao lado dela.

— Problemas?

— Cauthon estava saindo — Zandra disse.

— Não, eu não estava!

Ygor avançou.

— Você ouviu isso. Você não perdeu nada aqui. Não nos incomode mais.

Ygor me empurrou para trás. Eu estava cansado de ser empurrado ao redor. Eu agarrei o braço dele e puxei-o para mim. Então eu bati a sua cabeça contra a parede. Sangrando caiu no chão no centro da sala.

Eu tinha ganhado! Lá estava ele sangrando. Ele nunca me empurraria novamente.

— Vá embora, seu psicopata! — gritou Zandra que foi cuidar imediatamente de Ygor.

Psicopata?

Só agora percebi que eu tinha feito. O que fiz?

— Eu... eu sinto muito, Zandra! Por favor...

— Vá embora! — ela gritou com lágrimas nos olhos. Eu estremeci. Ela me odiava. Eu, idiota, tinha conseguido o exato oposto do que eu esperava da minha

visita.

Eu perdi Zantra para sempre.

* * *

Como um cão chicoteado, eu voltei para a academia. E eu era o único que tinha recorrido à violência. Incomodava-me muito pouco por ter feito o nariz de Ygor sangrar. Mas Zantra agora me odiava por isso.

Wirsal Cell já me esperava lá.

— Você perdeu-a, não é?

Eu balancei a cabeça.

— Zantra não quer nada comigo. Estou sozinho.

— Não, eu ainda estou aqui. Você deve escolher em quem você tem confiança. Zantra Solynger não merece seu amor e a sua fé.

Eu não poderia discordar. Mas eu ainda a amava. Eu estaria disposto a perdôá-la imediatamente. Fomos para o escritório de Wirsal Cell. Aqui eu sempre me senti bem. Era um mobiliário antigo com móveis feitos de madeira real, verdadeiros livros feitos de papel, bandeiras e cartões de todas as épocas possíveis da história militar terrana.

Nós bebemos uma xícara de chá.

— Eu acho que você precisa saber de notícias mais importantes — disse Cell sério.

— O quê?

— Você tem idade o suficiente agora para saber a verdade. Nós não fomos honestos quanto à morte de seus pais. Perry Rhodan acredita que é melhor mentir para você, mas eu não posso mais. Você é uma pessoa orgulhosa e merece a verdade.

Cell entregou-me um *e-reader*. Lá encontrei o relatório final da investigação sobre o “caso HAWKING”. Ele foi classificado como ultra secreto. Surpreso, eu olhei para Cell.

— Claro que tenho acesso a ele, mas para a massa o relatório não está acessível.

Eu li o relatório. Não foi um acidente. Os pesquisadores assumiram que um poder estrangeiro ou um agente do Império de Cristal tinha manipulado o robô e a sintrônica da HAWKING. Foi também mencionado a possibilidade de Cau Thon poder estar por trás disso. O fato foi, no entanto, que a lenta reação de Camelot foi repreendida. A oportuna ação de outra espaçonave após a primeira morte poderia ter evitado o massacre.

Isso significava que ao contrário, se Perry Rhodan respondesse rapidamente e enviasse ajuda para Neles, meus pais ainda seriam vivos. Ficou claro por que o senhor correto do Universo nunca tinha me contado a verdade. Ele e a sua camarilha tinham falhado. Quem estava por trás do assassinato de minha mãe e meu pai? Perry Rhodan tinha assistido passivamente. Ele era cúmplice da morte deles.

— Por que agora? — perguntei. — Por que você está mostrando isso para mim agora?

Wirsal suspirou e colocou a mão no meu antebraço.

— Nunca era o momento certo. Eu sempre quis dizer a você, mas sempre afastei isso da minha frente.

Eu entendi. Qual o papel de Cau Thon nessa coisa toda? Por que ele era suspeito? Isso era apenas um palpite. Eu acreditava em Cau Thon, que tinha tentado de tudo para salvar meus pais. Ao contrário de Perry Rhodan.

Talvez até mesmo o Bekket Glyn estivesse certo, falando da hipocrisia e complacência de Rhodan? Rhodan pensava ser infalível. Ele não tinha me contado a verdade sobre a morte de meus pais. Ele tinha dado a Zantra permissão para se afastar de mim. E parecia não ter confiança nas minhas capacidades.

Ele ainda ficaria surpreso. Vou provar a esse fósil empoeirado de que obras era capaz.

De repente, o ajudante de Wirsal Cell irrompeu na sala. O ferrônio estava visivelmente agitado.

— Por que você irrompeu assim aqui?

— Um problema! O escritório de Camelot em Terrânia. Bomba!

Cell levantou-se e olhou para mim seriamente.

O escritório de Camelot em Terrânia foi atacado.

Por todas as entidades. Gazh Ala!

Capítulo 15

Terror

A partir das crônicas

03 de janeiro de 1283 NCG

O choque bateu profundo. Um assassinato em Atlan-Village, Terrânia abalou o planeta. Numa área de negócios, uma bomba foi detonada e dezessete pessoas perderam as suas vidas. Mais de uma centena de criaturas ficaram feridas.

O que a imprensa não sabia, mas era do meu conhecimento: o ataque aparentemente tinha tido como alvo o escritório de Camelot. Várias vezes eu tinha estado lá para falar com Gazh Ala Nigota el Finya.

O que havia acontecido com ela, eu não sabia. Quem estava por trás disso, estava escondido. Quem sabia que havia um escritório de Camelot lá? Exceto o próprio Camelot e alguns funcionários internos, apenas o escritório da Liga Terrana e agentes secretos arcônidas especiais.

Camelot entrou em contato comigo. Fiquei espantado e momentaneamente sem fala quando no hipercomunicador apareceu o rosto do meu bom amigo Homer G. Adams.

— Eu gostaria que voltar a me reunir em melhores circunstâncias, velho amigo — eu fui cumprimentado por Adams.

— Meus pêsames. Quantos membros de Camelot morreram?

— Nós não sabemos exatamente. Desapareceram alguns funcionários. Eles provavelmente foram sequestrados. Incluindo a sua pessoa de contato Gazh Ala. Não sei se você está seguro em Siena. Se o SLT está por trás disso...

— Mas Homer, você realmente acha que o SLT seria capaz?

— Espero que não. Talvez fosse melhor você se esconder!

Depois da conversa eu pensei por um tempo, mas eu recusei a proposta de Adams, embora eu tenha apreciado a sua preocupação. Não, se alguém quisesse me matar, ele teria feito no mesmo dia.

Gazh Ala, pelo menos, não está morta, mas aparentemente sequestrada. Seria isso melhor?

No dia seguinte, fui visitado por um terrano de boa aparência, bem conservado e esportivo que era supostamente um funcionário do prefeito de Siena. Uma pobre desculpa desse homem, que se apresentou como Stewart Landry.

Eu confrontei o senhor Landry com a minha suposição: — Você é do SLT?

Ele foi brevemente surpreendido enquanto bebia o seu café preto, em seguida, confirmou sem rodeios. Ele sabia que eu estava em contato com Camelot e pediu apoio. Oficialmente naturalmente a LTL evitava a cooperação com a organização dos imortais, mas Landry queria descobrir quem estava por trás do assassinato.

Pode ser ingênuo, mas eu acreditava no jovem terrano que usava um nome de agente razoavelmente bem conhecido. Landry estava ciente disso e

orgulhosamente anunciou que Ron Landry era um ancestral dele e a sua inspiração, para que ele ter ido para o serviço secreto.

— Cá entre nós, considero a rixa entre a LTL e Camelot uma bobagem. Sabemos que alguns funcionários da agência sobreviveram e foram raptados. O que não sabemos é por quem. A pista se perde no espaçoporto — disse Landry.

— Mashratan! — Foi a minha resposta intuitiva.

Landry bebeu o café e finalmente concordou. Expliquei-lhe que Camelot não descartava a possibilidade de que o SLT estivesse por trás disso, mas Landry me garantiu que esse não era o caso. Eu acreditei nele e informei Homer G. Adams pessoalmente. O SLT conhecia as atividades de Camelot a tolerava mais ou menos. Caso contrário, eles teriam me prendido e enchido com um soro da verdade. É possível que isso tivesse acontecido nos tempos de Medros Eavan, mas com satisfação eu reconheci uma mudança pequena, mas muito consistente na estrutura da LTL.

Podíamos ficar tranquilos quanto a isso, mas agora não havia nenhuma dúvida. Havia um inimigo comum. Homer G. Adams informou aos agentes de Camelot. Dois dias depois, recebi a notícia de que no dia do assassinato um cargueiro voou sobre pontos de interesse da Terra comissionado por Mashratan. Uma evidência foi encontrada de que era de fato uma missão secreta de reconhecimento de Mashratan.

Eu informei Landry, que passou a mensagem para a representação de Gia de Moleon, Cistolo Khan e Paola Daschmagan. Um dia depois Landry se apresentou novamente. O terrano confirmou a suspeita. Gravações de Atlan-Village e do espaçoporto identificaram os assassinos de Mashratan que foram obviamente utilizados pela Liga Hanseática e as indústrias Shorne. Na confiança, Landry explicou que a empresa estava agora completamente distanciada de Mashratan.

Em 10 de janeiro, Daschmagan disse à imprensa: — As pistas levam a Mashratan. A organização nebulosa de Rhodan, Camelot, está envolvida. No entanto, como uma vítima. O ataque foi um ato de vingança levada a efeito pelo coronel Kerkum pelas revelações do ano passado. Nós não toleramos o terrorismo em mundos terranos.

Desde que o coronel Kerkum não emitiu nenhuma nota sobre o assunto, sob o comando do comissário Cistolo Khan um destacamento da LTL, uma frota de 200 naves espaciais terranas, foi enviado para Mashratan para impor um bloqueio.

O discurso levou à controvérsia. O Império de Cristal e o Fórum Raglund apresentaram um protesto no Galacticum, mas deu-se um conflito aberto. Aparentemente, o Império de Cristal estava aos serviços do coronel Kerkum e não tinha tanto prestígio.

Seus amigos se distanciaram dos tiranos para salvar as suas próprias peles ou para não se comprometerem ainda mais. Árcon não queria correr o risco de um conflito com a LTL porque Mashratan era um aliado indesejável que queria fazer silêncio e ser apresentado em público como exemplo de retidão e honestidade.

A questão mais importante era, o que aconteceria no sistema Mashritun? Poderia Gazh Ala Nagoti el Finya e os outros serem liberados e não haver um conflito militar?

Capítulo 16

O discurso do coronel Kerkum

Seus ratos miseráveis! Fracos! Covardes! Traidores! Esqueçam a frota!

As pessoas estão morrendo por sua causa mashratanos. Por causa da sua ganância. Todos assassinados. Sejam arcônidas ou terranos. Pense nisso! Seus cães abanadores de rabo de Rhodan.

Nós não! Nós livramos a Terra de um escritório de Camelot. Nós julgamos os criminosos. O Santo Solar Vhrato fará seu julgamento. Nós protegemos vocês terranos, mas o que vocês fazem, bastardos covardes?

Vocês aliviam contra os desmiolados blues e tópsidas. Vocês não têm medo que eles roubem de seus filhos? Sim, eles vão fazê-lo. Portanto, vocês têm de cortar as suas gargantas.

Lancem bombas de Árcon nos estaleiros em seus mundos. Então, nós estaremos salvos. Mas a sua juventude é alquebrada, bêbada e mimada.

É por isso que vocês não gostam de Mashratan. Temos a firme crença no sagrado chamado da raça humana! Temos moralidade e decência! Vocês não conseguem nos diminuir.

Mashratan vai lutar! Mashratan será vitorioso!

Deus é grande — Eu sou poderoso — Mashratan para sempre!

13 de janeiro de 1283 NCG

Capítulo 17

O retorno para Mashratan

Seus cabelos pretos, olhos de corça marrons e um sorriso charmoso, caloroso fluindo pelos dentes não tão simétricos de Gazh Ala apareceu novamente na minha mente. Ela tem que viver, não pode estar morta!

Impaciente, eu perambulava pela sala de preparação. Quando finalmente chegaremos ao sistema Mashritun?

— Comandante para Cauthon Despair. Reunião de missão em dez minutos — ecoou uma voz suave do alto-falante. Era Xavier Jeamour, o comandante do cruzador de batalha de 500 metros FREYJA.

Corri para a sala de conferência. Jeamour olhou para mim. O diminuto belga com uma calvície exalava autoridade. Eu gostava disso. Eu balancei a cabeça para Wirsal Cell e Perry Rhodan. Eu não queria falar dos eventos passados com Rhodan. Afinal, ele me permitiu tomar parte numa missão de resgate dos camelotianos. Mas que tipo de operação? Gucky e Icho Tolot estavam em algum lugar em Fornax. Ninguém sabia quando eles voltariam. Talvez até amanhã, mas não tínhamos tempo.

O coronel Kerkum havia anunciado que dirigiria o Santo Solar Vhrato sobre Gazh Ala e os outros reféns.

Que chance de sobrevivência teria a ex-escrava? Kerkum praticariam uma vingança cruel contra ela.

— Nós alcançamos o sistema Mashritun em poucos minutos. Lá já estão à espera 200 espaçonaves da LTL. Não sabemos como eles irão se comportar em relação a nós — disse Jeamour enquanto ele mexia com uma colher o adoçante em seu chá.

— O que nós faremos? Esperar para ver? — perguntei, referindo-me ao procedimento dos terranos.

— Fique calmo, Cauthon! Jeamour vai falar com a LTL. Nós aguardamos.

Eu respirei fundo. Isso era tudo? Intrigado, olhei para Wirsal Cell. Ele parecia desconfortável e limpou a garganta.

— O plano B prevê que enviemos um comando para Mashratan — explicou meu treinador. — Eu suponho que você queira participar?

— Nada pode impedir-me — eu disse a sério.

Nas últimas semanas eu já tinha perdido muito. Zantra e a ilusão de que Rhodan seria meu amigo. Agora não Gazh Ala!

Nossa frota consistia de dois agrupamentos com doze naves espaciais. Certamente nenhuma grande força, mas a tecnologia de Camelot era a melhor na Galáxia. Jeamour apresentou a ligação com a nave comandante do segundo grupo, a CELTIC. O primeiro-oficial James Fraces, um barbudo aventureiro, apareceu como um holograma. Jeamour disse-lhe que todas as 24 espaçonaves saíam ao mesmo tempo do hiperespaço e numa distância adequada das estações de defesa mashratanas e que a LTL iria manter a frota onde estava.

Fomos para o centro de comando redondo, onde vários membros da

tripulação estavam trabalhando em consoles de monitoramento e controle. Eu quase atrolei um swoon na pressa.

— Entrando no espaço normal — relatou um epsalense.

Um mapa holográfico do setor foi imediatamente projetado no meio da sala. Ele mostrava a nossa posição em relação aos mashratanos e os terranos.

— Ligue com a frota da LTL — ordenou Jeamour. Ele foi para a cadeira de comando, ajustou o uniforme e se sentou. Rhodan ficou em segundo plano. Ele obviamente não queria ser visto.

— A CAROLINA DO NORTE reporta. O comandante quer falar conosco — relatou a mulher ferrônia da comunicação.

— Transfira — Jeamour disse secamente.

No grande monitor apareceu o rosto cansado do comandante.

— Henry Portland, comandante da 17ª Flotilha da LTL e da CAROLINA DO NORTE. Com quem tenho a honra?

— Sua placa de artilharia velha! Muito bom ver de novo seu rosto enrugado — Jeamour respondeu com um sorriso. Seu interlocutor contraiu uma sobrancelha.

— Você está ficando careca. Então você agora está catando despojos. Camelot, hein?

Jeamour confirmou.

— O grande homem está aí também?

Jeamour deu ao comandante da LTL um sorriso malicioso e deu de ombros.

— Bem, devo alertá-lo de que você não deve interferir na ação militar da LTL. No entanto, não posso proibi-lo de parar aqui também. Isto não é um território da LTL — disse Portland.

— Você está, talvez ciente de que Mashratan mantém reféns de Camelot. Nós estamos falando sobre a vida dessas criaturas. E, claro, que nenhuma guerra galáctica deve ser provocada aqui.

Por que esses dois perdem tanto tempo? Gazh Ala estava em perigo. Perry deve falar logo com o coronel Kerkum. O tempo está acabando.

Eu dei um passo para a frente, impaciente.

— Você vai fazer contato com o coronel? Ou vai ficar sentada aqui conversando? — perguntei, irritado.

Portland olhou para mim com a cara contraída. Ele trocou um olhar irritado com Jeamour.

— Na frota da LTL não é usual que alguém de nível inferior interfira e distraia o comandante — me repreendeu Portland. Fiquei indignado com essa escaramuça.

— Na LTL não há mais uma real hierarquia. Uma vergonha, eu acho.

Jeamour levantou-se e olhou para mim seriamente.

— Este é minha espaçonave, meu jovem! Por isso, eu dou as ordens aqui.

Eu não podia ouvir esse absurdo. Se ninguém queria atuar, eu faria isso. Saí correndo do centro de comando. Wirsal Cell e Perry Rhodan me seguiram.

— Onde você está indo — Cell exclamou sem fôlego. Corri para o dispositivo antigravitacional e saltei para dentro.

Rhodan permaneceu junto de meus calcanhares. No Hangar me lancei para fora do dispositivo antigravitacional. Meu objetivo era o caça.

— Espere, Cauthon! Ir sozinho não vai resultar em nada. Então você não vai conseguir salvar Gazh Ala.

Eu ativei a picosin sintrônica do meu caça. As ordens eram para deixar os caças espaciais prontos para partir.

Eu parei e me virei. Mais determinado do que nunca vi os olhos de Rhodan.

— É melhor do que não fazer nada. Eu não sei se ainda posso confiar em você. Eu sei a verdade sobre o suposto acidente com meus pais. Foi assassinato. Você escondeu-o de mim.

Rhodan permaneceu em silêncio. Ele se deteve sustentando o meu olhar.

— Se você quiser ajudar-me, negocie com o coronel Kerkum. Obtenha tempo por mim de forma que eu possa libertar os camelotianos.

— Com apenas uma ordem minha, e você não poderá desativar o campo defensivo — Rhodan disse.

— Então você vai ver como outro Despair morre — eu respondi, e corri para o caça espacial. Antes que Rhodan respondesse, eu já estava sentado no caça, fechando o cockpit.

Fui para a comporta do hangar. O campo defensivo agora me ofereceu uma fenda estrutural. Eu dei força total e ativei o campo de camuflagem. Eu esperava agora que a tecnologia dos mashratanos fosse inferior à de Camelot. Caso contrário, seria um voo curto.

Capítulo 18

O último ato heroico

Os mashratanos não me descobriram. Após oito anos, voltei para este desolado, deserto e quente planeta. Eu não tinha esquecido o mashratanos. Nem o déspota excêntrico Kerkum, nem as mulheres envoltas por campos de energia ou os pervertidos ligados ao Tuffa-jab-jab.

Numa conexão segura, eu recebi uma mensagem de Perry Rhodan.

Processo público no palácio em poucos minutos. As negociações falharam por enquanto. Kerkum quer dar o exemplo. Talvez ele esteja só blefando.

Eu trouxe o caça espacial para uma posição segura e circulei sobre o complexo do palácio. A sua defesa era realmente assim tão ruim, ou a nossa tecnologia de camuflagem era assim tão melhor?

Eu ativei o trivídeo para receber a emissora estatal local. Eu vi um aviso de que a exibição do processo poderia despertar emoções nos mashratanos conservadores porque os demônios extraterrestres seriam mostrados.

Onde eles estavam? Eu voei sobre o palácio. Então eu os descobri num pátio bem protegido com uma grande arquibancada. No meio foi erguida uma plataforma. Um brilhante campo de imobilização verde continha os camelotianos e Gazh Ala.

“Eu vou te salvar”, passou pela minha cabeça.

Mas como? Talvez... não, era muito imprudente. Mesmo toda a coragem, eu disse a mim mesmo, seria apenas um tipo de autoengano?

Eu assisti a transmissão. Três homens vestidos de vermelho, branco e verde foram exibidos. Vi-os a olho nu a partir de cima.

— Os três santos solares de Vhrato vão dirigir a promulgação da acusação. O coronel Kerkum e a sua família assistirão ao vivo o julgamento de sua plataforma — o locutor informou.

— Nós denunciemos esses seres de hostilidade contra Mashratan, de pacto com o diabo e seus demônios e de heresia — disse o velho sacerdote de manto branco.

O campo de imobilização se abriu. Cinco pessoas podiam ser vistas. Fiquei aliviado, porque entre eles estava Gazh Ala. Além dela, havia uma cheborparnense, um blue e dois terranos.

— A mulher chamada Ala Gazh Nagoti el Finya é condenada por culpa de ter traído seu povo. Ela fez um pacto com Satanás e copulou com aquele, o demônio encarnado.

O sacerdote de Vhrato apontou para o cheborparnense. Que besteira. Mas que deixou as pessoas estupefatas, naturalmente.

— Ela é uma bruxa a serviço da Mirona Negra, com pecados impuros, uma traidora de Mashratan. Pode ser vista culpa em todas as frentes e deve morrer pelo fogo — anunciou o padre de veste verde.

Agora avançou o de veste vermelha e levantou as mãos.

— O demônio também será queimado vivo. Com o terranos vamos ser

misericordiosos. Daremos uma morte rápida e indolor por decapitação. O monstro blue deve ser uma demonstração de unidade e força dos povos para lutar contra essas monstruosidades – será enterrado até o pescoço e, em seguida, apedrejado até que a morte ocorra. O corpo será desintegrado, de modo que os ossos não sujem o mundo sagrado.

Os espectadores presentes, uma mistura de homens, crianças e mulheres veladas aplaudiram seus sacerdotes. Eles gritaram que eles deveriam executar a sentença rapidamente. Outros olharam com expectativa para o coronel Kerkum.

Kerkum se levantou de seu trono. Ele estava usando um traje marrom brilhante e levantou a mão. Os gritos terminaram abruptamente.

— Quem sou eu para questionar o julgamento dos representantes de Deus na terra? Mashratan é um mundo pacífico, mas fomos traídos. Sim, uma vez, porque esta mulher viveu — ele apontou para Gazh Ala — no meu palácio, comeu minha comida, bebeu de minha água e se aqueceu em meu jardim. A gratidão que ela mostrou a Mashratan foi uma impura prática, ritual de sexo doente e oculto com alienígenas e espalhou mentiras sobre Mashratan na Galáxia. Estes são seus cúmplices e todos eles servem a Perry Rhodan. Rhodan é a maior decepção para Mashratan. Ele nos tem mentido e enganado. Eles agiram sob as suas ordens. Para isso, vamos fazê-los agora prestar contas. Eu confirmo a decisão do Santo Solar Vhrato!

A massa aplaudiu com entusiasmo. Agora eu tinha que agir. O que deveria fazer? Bastava atirar nele? Eu era um tolo. Eu não poderia salvá-los. Nem mesmo a Gazh Ala porque meu caça espacial era um monoposto.

Havia apenas um caminho. Baixei o jato Hunter até que estivesse a poucos metros acima da superfície. Eu estava diretamente acima do pódio. Então eu desativei o campo de camuflagem.

* * *

Eu apontei para o coronel Kerkum e a sua família. Então, eu poderia pelo menos se certificar de que eles não iriam me atacar. A audiência fugiu em todas as direções. No monitor, eu vi que os sacerdotes de Vhrato e os seus capangas fugiram.

Apenas Kerkum não pareceu impressionado. Ele ergueu a mão, chamando a atenção. Então ele desceu lentamente as escadas da arquibancada. Ele veio até mim. Eu não esperava este ato de coragem.

Baixei o caça espacial. Finalmente eu parei. Talvez um diálogo com Kerkum não estivesse excluído.

Kerkum parou. Abri o cockpit. Agora, o coronel chegou mais perto até que ele estava de pé sobre o casco.

— Quem é você bravo terrano que tem a coragem de arriscar a sua vida por essa sujeira? — ele perguntou.

— Cauthon Despair. E eu estou aqui para salvar os camelotianos. Você os poupa e eu vou poupá-lo!

Kerkum riu e acariciou o torso do meu caça espacial.

— Linda espaçonave.

Então, ele ficou em silêncio.

— E agora? Eu estou esperando por uma resposta, insisti.
— Qual foi a pergunta?
— Eu troco a sua vida por Gazh Ala e os outros camelotianos.
Kerkum acenou. Ele balançou a cabeça.
— Isso não vai acontecer. A lei é incontestável.
— 224 espaçonaves inimigas não estão muito longe da órbita de Mashratan, coronel! Como reféns, eles são valiosos — eu tentei convencê-lo.
Kerkum cuspiu no chão.
— Não! Nós vamos lutar e vencer!
O que devo fazer?
— Você morrerá! O armamento do caça é suficiente para explodir todo o complexo — eu ameacei, em desespero. Ele só tinha que ceder. Ele devia!
Mas Kerkum permaneceu calmo.
— Então você morrerá também, meu filho! Assim como os condenados. O que seria alcançado com isso?
Kerkum bateu na fuselagem da nave. Então, ele balançou a cabeça várias vezes nervosamente para si mesmo. Eu não pude interpretar o gesto.
— Bom! Tudo bem então! Eu vou protelar o julgamento. Nós vamos renegociar. Eu respeito a sua coragem. Você é um verdadeiro terrano, meu rapaz!
Kerkum ordenou aos guardas para libertar dos grilhões dos camelotianos. Lentamente, ela se aproximou de nós. Gazh Ala liderando o caminho. Ela olhou para o cockpit.
— Cauthon? É você?
Eu balancei a cabeça.
— Você é meu brilhante Cavaleiro. Obrigado!
Foi uma boa tentativa, mas ainda não está tudo ganho. O que acontecerá a seguir? Olhei interrogativamente para o coronel, o que ele tinha nas mangas?
Por fim, ele olhou de volta para mim. Ele abriu os braços num gesto impotente.
— E agora, Cauthon Despair? Nós desfrutaremos o tempo bom?
— Eu chamo um *space-jet* aqui. Ele resgata os camelotianos e todos são devolvidos sãos e salvos à sua nave-mãe, eu me retiro.
— Então nós poderíamos atirar em você.
— Então eu simplesmente morro.
Kerkum aplaudiu e riu como um garotinho.
— Essa coragem é impressionante. Temos um acordo. Vou esperar aqui, é claro, meu jovem amigo!
Eu tentei fazer uma ligação para FREYJA, mas ninguém respondeu. Fui atirado do cockpit por uma enorme explosão.

* * *

O que aconteceu? Fogo em todos os lugares. Vi que o coronel Kerkum fugiu. Um planador passou por mim e pegou o coronel. Ele entrou e partiu. Minha mão foi quebrada na queda.

Gazh Ala!

Olhei em volta. Mais explosões. Os feixes de energia vinham do céu. Ataque

remoto de naves espaciais. Que diabos? Eles atacaram Mashratan!

Por que eles fizeram isso? Perry sabia que eu estava aqui. Esse maldito tinha me decepcionado.

Eu me levantei. Gazh Ala estava agachada sob o pódio. Dois dos camelotianos estavam mortos.

— Venha, aqui não é seguro. Para a torre — eu gritei.

O blue e o cheborparnense correram. Gazh Ala esperou um momento por mim. O que salvou nossas vidas, porque a próxima descarga de energia pulverizou os dois diante de nós.

Em todos os lugares era fogo. O pódio estava queimando. O novo impacto foi perto. Fui atirado ao chão. Com muita dor me levantei. Um pedaço do pódio tinha perfurado meu corpo. Ele quase me tirou os sentidos.

— Corra para a torre — eu sussurrei.

Gazh Ala correu para lá, mas a torre foi atingida. O metal derreteu. Tudo queimava e desmoronava.

— Não! — eu gritei. Porém, mais eu não era capaz. O prédio desabou. Gazh Ala gritou e foi sepultada pelos escombros. Eu me arrastei para o local onde ela foi enterrada. Minhas forças diminuíram.

Finalmente eu a descobri.

— Gazh Ala?

Mas ela não respondeu. Seus olhos de corça marrom olhavam para mim sem vida.

A próxima explosão explodiu o resto da torre. Uma onda de fogo me pegou. Esta dor. Eu gritei, senti minhas pernas estavam sendo rasgadas. Eu caí no chão, olhando para o céu. Nuvens escuras de fumaça me encobriam. Eu vi que o restante da torre caiu sobre mim.

Então, era o fim!

Capítulo 19

O Cavaleiro Prateado

A dor ainda estava lá. Ela sinalizava para mim que eu ainda estava vivo. Onde eu estava? Eu abri meus olhos, mas tudo em torno de mim estava escuro. O ar estava estranhamente abafado. Era como se tivesse algo em minha cabeça. Eu lentamente movi os dedos. Senti que eles obedeceram minhas ordens, mas algo estava errado. Eles estavam, em sua maioria, insensíveis. Como se eles estivessem dormentes. Esta sensação desconfortável se espalhava por todo meu corpo.

O que tinha acontecido?

Ouvi um zumbido. Mas eu não vi nada. Estava escuro. Eu estava cego? Ou algo ocultava minha visão? A respiração era difícil. Não foi apenas isso, o ar era estranho e abafado, parecia-me, como se tivesse uma pedra em cima do meu peito. Eu levantei minhas mãos e tentei examinar o peito. Não havia nada, mesmo que eu tivesse sentido apenas parcialmente o resultado.

Algo acariciou meu braço. Eu dei de ombros. Quem ou o que foi isso? Eu me senti fraco e cansado.

Lentamente, as memórias retornavam. As imagens do corpo morto de Gazh Ala. O inferno de fogo. Os escombros em cascata! O que você fez, Perry Rhodan?

Eu poderia ter salvado Gazh Ala, mas as suas naves de combate destruíram tudo. Ela estava morta e depois desabou tudo. Eu vi como o concreto caiu sobre mim, senti meus ossos quebrarem, eu estava enterrado, senti a queimadura. Não!!

Eu estava assustado.

— Quietos — disse uma voz.

— Quem... quem está aí?

— Seu salva-vidas Cauthon Despair. Você deve ser corajoso. O ataque de naves espaciais de Perry Rhodan exigiu não só a vida de muitos mashratanos, teria destruído você também. Foi por um fio de cabelo. Seus ferimentos foram muito extensos.

Novamente veio o zumbido mecânico.

Alguém me injetou algo com uma seringa. Eu não senti nenhuma dor, apenas uma leve picada no meu braço.

— A fadiga e dormência agora vão passar — disse uma voz metálica. Achei que fosse um medorrobô.

Levou alguns minutos. Aparentemente meu interlocutor desconhecido esperava por minha resposta ou recuperação. Eu tomei uma respiração profunda. O ar ainda era fino. Mas, lentamente meu corpo voltou a viver. O que ainda assim achei estranho. Agora eu senti as luvas em meus dedos e o pesado traje no meu peito, parecendo mais uma espécie de armadura.

Alguém pressionou algo no meu quadril. Eu provavelmente usava um cinto. De repente, com um silvo suave e leve zumbido. Eu vi a luz amarela brilhante de uma iluminação de teto. Mas no momento seguinte ficou mais escuro, mais agradável. No meu olho apareceram dados que eu não podia identificar. Agora eu entendia. Eu, obviamente, estava usando um capacete. Minhas mãos o sentiram na minha

cabeça. Sim, era uma espécie de capacete espacial com uma grande janela de visualização ao nível dos olhos.

O ar dentro do capacete era puro e fresco.

Agora eu olhei para minhas mãos. Eu usava luvas de prata. Embora o entorpecimento tenha diminuído, meu corpo era um estranho para mim.

Deixei escapar um gemido quando me levantei. Lentamente me sentei e virei as pernas para o lado. Olhei para o meu corpo. O traje de combate era prata. Foi feito de material duro, mas elástico e macio e agradável para mim. Virei as pernas para o lado e fiz contato com o chão atrás. Além disso, senti algo estranho com os meus pés. Assim como meus braços, mãos e pernas.

Cautelosamente eu me apoiei nas pernas e me levantei. Os joelhos estavam fracos, eu estava tonto, mas no momento seguinte eu consegui me firmar.

— Você vai precisar de um tempo para poder utilizar as novas partes do corpo — disse o ainda desconhecido para mim. Ele me sentou.

— Coronel Kerkum! — foi a minha conclusão.

— Não — foi a resposta.

Na minha frente apareceu uma imagem holográfica em tamanho natural. Ela era humanoide, mas o rosto estava distorcido, desfocado. Havia uma aura azul avermelhada ao seu redor.

— Quem é você? — perguntei.

— Como eu disse, o seu salva-vidas, Despair! Eu sou o líder da Mordred e você vai se juntar a nós.

Quem é Mordred? E quem estava por trás deste holograma secreto. Certamente nenhuma mulher de Mashratan.

— Você deve ter muitas perguntas, Cavaleiro Prateado.

— Cavaleiro Prateado? — eu repeti.

— Correto. O garoto chamado Cauthon Despair, o camelotiano fraco que adorava Perry Rhodan e uma menina de segunda classe, está morto! Ele foi morto no fogo das espaçonaves da LTL e de Camelot. Agora, o Cavaleiro Prateado Cauthon Despair vive. Você será meu aliado mais importante.

Não entendi.

A porta se abriu com um silvo suave. O holograma me ordenou a deixar a estação médica. Diante de mim havia um corredor mal iluminado. Eu fui até lá, me acostumei com os meus movimentos.

— Você estava enterrado e sofreu queimaduras. Seus ossos foram quebrados, membros decepados. Os médicos tiveram que renovar e substituir as pernas e os braços e a sua estrutura esquelética completamente. Infelizmente, seu rosto está desfigurado. Vai levar um longo tempo até que você completar a sua recuperação. Mas as novas partes do corpo têm vantagens. Você é mais forte e mais resistente do que nunca.

Eu tentei várias vezes digerir esta má notícia. Partes do meu corpo tinham sido substituídas? Minha cara desfigurada? Resistente? Eu era agora obrigado a usar esta armadura de prata eternamente?

A porta no fim do corredor abriu. Eu entrei num quarto espelhado. Agora eu me vi em minha nova aparência.

Meu novo corpo tinha mais massa muscular, era magro e tonificado. A armadura de prata reforçava a impressão. Meu capacete era espelhado. Eu parecia

impressionante. Como um cavaleiro da Idade Média da Terra.

E ainda assim eu era, obviamente, um monstro. Devo sempre vagar nesta armadura? O que pensaria Zantra? O que eu mesmo pensava disso. Ela tinha me traído, me enganado.

Eu queria saber como eu parecia ser sob a máscara. Eu bati no meu pescoço e encontrei a fechadura do capacete. Tirei-a. O holograma do líder da misteriosa Mordred não me impediu. E como poderia?

Eu estava com medo e hesitei, em seguida, tirei o capacete. O que eu vi no espelho me chocou. Meu rosto estava desfigurado, nariz curvado, a pele pendurado numa profunda dobra mole, manchas na minha cabeça careca, cicatrizes. A visão era alucinante. Eu estava à mercê da máscara.

— Isso vai exigir uma grande quantidade de operações — disse o holograma. — Você deve ser paciente.

Eu coloquei o capacete de volta. Eu não podia suportar a minha careta e o líder do Mordred não devia ver as minhas lágrimas.

— Você certamente deseja aprender mais sobre as razões de seu destino e sob a Mordred. As respostas estão na sala ao lado.

O holograma apontou para a porta na minha frente. Eu passei por ele e encontrei a holografia novamente. Eu entrei numa espécie de centro de comando. Projeções por setores do sistema de Mashritun podiam ser vistas em numerosas telas. Alguns técnicos, num uniforme desconhecido, sentavam-se nos comandos.

Um homem que sentava-se numa poltrona anatômica larga e estava guardado por quatro guardas uniformizados era bem conhecido para mim.

Coronel Kerkum.

* * *

— Despair, você está muito bem. Que alegria, meu irmão — cumprimentou-me Kerkum, se levantou e caminhou com os braços estendidos para mim. Eu levantei a mão, e o coronel compreendeu.

— Vejo que você sobreviveu ao ataque — eu disse. — O que aconteceu?

Kerkum riu estranhamente.

Ele apontou para um monitor. Eu vi formações de flotilhas de LTL e Camelot. O destacamento de tropas de assalto de Camelot abriu fogo contra o forte espacial. Os cruzadores da LTL participavam no ataque. De outra perspectiva, o bombardeio de naves espaciais de Camelot era mostrado no distrito do governo.

Perry Rhodan!

Mas porquê? Por que ele fez isso? Ele sabia que eu estava em Mashratan para libertar Gazh Ala.

— Nós estamos todos decepcionados com Perry Rhodan — Kerkum disse com firmeza. — Eu iria colocar a Via Láctea a seus pés, mas ele sacrificou Mashratan. Ele sacrificou Gazh Ala. A LTL nos traiu. Mas Rhodan...

Kerkum fez uma pausa e sacudiu a cabeça.

— A dor que Rhodan nos tem infligido é muito grande.

Eu não podia e não iria discordar de Kerkum. Perry Rhodan tinha usado a minha morte para enfraquecer Mashratan. Eu não tinha certeza se eu condenava seu ataque militar por si só. Eu teria agido da mesma forma, mas Rhodan sabia que

eu estava lá! Por que ele tinha dado a ordem para bombardear Mashratan? Ele queria se livrar de mim?

Provavelmente! Sim, ele queria que eu morresse. Talvez porque eu lhe fiz perguntas. Este era o verdadeiro rosto de Perry Rhodan.

Bekket Glyn estava certo e após tudo Rhodan não era mais o mesmo homem de antes?

Rhodan, aparentemente, passava por cima de cadáveres.

— Perry Rhodan sacrificou não só você, mas também seus pais — explicou o holograma do líder da Mordred.

Sim, foi agora ficava claro para mim. Ele poderia mandar auxílio para Neles, mas ele os tinha deixado sozinhos a seu destino. Não importa se foi intencional ou por negligência, mas o resultado foi o mesmo: meus pais estavam mortos! Perry Rhodan poderia ter evitado isso.

— O que é a Mordred? Por que eu devo atendê-la?

— Nós salvamos a sua vida. A Mordred é um movimento de resistência real. Temos a visão de um novo Império da Humanidade. Terranos, arcônidas, aconenses, tefrodenses – todos unidos para o bem da Via Láctea e do Universo.

A Mordred era, portanto, um grupo de resistência. Aparentemente, ela tinha a sua sede em Mashratan. Ou onde eu estava? Eu não sabia disso, mas com base nos mapas estelares do sistema Mashritun eu não poderia estar longe.

— Ouça, rapaz! Nós construímos uma rede com todos os possíveis povos humanos de mesma opinião. Temos aliados poderosos — disse Kerkum.

Eu não pude deixar de rir. Soou estranho do capacete metálico com seus amplificadores acústicos.

— Mashratan está no fim. A LTL e Camelot irão dominá-lo e controlá-lo. Operações serão quase impossíveis neste sistema solar.

— Espere, Despair! Antes de lhe dizer mais sobre a Mordred e os nossos aliados, queremos a sua aceitação ou rejeição — exigiu o holograma do líder da Mordred.

Eu pensei. Por que eu deveria juntar a minha voz a essas pessoas? Mas onde eu deveria ir? Para Camelot certamente não. Eu provavelmente iria querer matar Perry Rhodan de pura raiva.

— Preciso pensar — eu disse.

— Uma Hora. Passeie pelo planeta. Embora aqui não seja um paraíso, o seu traje é o mais moderno SERUN da Via Láctea, Kerkum disse, apontando para a saída.

Sem dizer nada, eu saí da sala. Eu estava desamparado. Minha vida tinha parado abruptamente. Tudo o que eu tinha vivido, fora em vão. Meu heroísmo não pôde salvar Gazh Ala. Zandra tinha me enviado para o inferno e meu mundo foi destruído depois que eu tinha sido traído por Perry Rhodan.

Depois que saí da estação por uma comporta, eu percebi que eu não me encontrava em Mashratan. O céu estrelado acima de mim. Eu estava num mundo escuro e sombrio, no meio de um deserto de escombros pretos.

Ele se parecia com o meu interior: negro e vazio.

Meu novo traje mostrou uma outra função. Ele era de fato um impecável traje espacial. Uma atmosfera não existia aqui. Caminhar era fácil, uma vez que a gravidade era menor que em Mashratan.

Afastei-me da estação espacial em forma de cúpula. Com base da constelação

dos corpos celestes maiores eu sabia que ainda me encontrava no sistema Mashritun.

Provavelmente perto da anã marrom. Talvez num asteroide entre Mashratan e a anã. Ou numa de suas luas, que tinha se afastado dele.

Eu não tinha sequer abordado as questões mais simples com Kerkum ou este líder da Mordred. Quanto tempo eu estava realmente aqui? Olhei para meus braços e estiquei os meus músculos artificiais aparentemente novos. Isso não havia sido criado num dia.

Os sóis Mashritun A e B irradiavam até aqui e ainda eram os maiores objetos no céu.

Eu estava sozinho. Solitário no coração. Abandonado por todos. Desfigurado e reconstruído pelo conhecimento desses seres que me salvaram. Eu era um Frankenstein moderno.

De longe eu vi um objeto em movimento. Ele chegou mais perto. Não era um asteroide, mas uma espaçonave. As estrelas foram refletidas na fuselagem.

Uma bola estava entre as asas, onde aparentemente estavam montadas as armas e os propulsores. Era grande. Não tão grande como as naves esféricas da classe NOVA, mas talvez tivesse uns 400 ou 500 metros no total.

A espaçonave não aterrou longe de mim. Poeira e detritos foram atirados para cima. Eu fiquei curioso com ela. Esse tipo de nave era desconhecido para mim.

A escotilha foi aberta. O feixe azulado de um dispositivo antigravitacional saiu da fuselagem da nave para o chão. Uma criatura estava nele. Eu parei e deixei o estranho dar o próximo passo. Ele saiu da nave e caminhou lentamente, como se tivesse todo o tempo do Universo.

O ser vestia um traje espacial preto. Foi só quando ele estava a apenas alguns passos de mim, eu reconheci por trás da viseira transparente do capacete espacial a cabeça de pele vermelha com a tatuagem impressionante de três seis entrelaçados na testa.

Cau Thon!

* * *

Ele sempre aparecia quando me sentia perdido e mais necessitava de um amigo.

Cau Thon parou a cerca de dois pés de distância de mim.

— Eu sinto a sua dor e a sua raiva, Cauthon Despair — Cau Thon disse. Ouvi-o nitidamente. Meu capacete tinha um intercomunicador. Aparentemente Cau Thon sabia a frequência. Mas isso não me surpreendeu. Cau Thon sempre soube muito.

— Não se desespere, é o seu destino. Você vai em poucos anos aprender mais sobre o seu destino cósmico.

— Por que só em alguns anos? Estou farto dos segredos e mistérios.

Cau Thon riu amigável.

— Esse é um jogo de potências superiores. Além disso, eu sou apenas um mensageiro. Mas muito será revelado a você e você terá um futuro glorioso. O Cavaleiro Prateado Cauthon Despair é de importância cósmica. Você é um escolhido.

Eu achei difícil acreditar nisso neste momento.

— Quem é você realmente? Quem está por trás de você?

— Eu sou o servo de um poder que vai mudar o Universo em suas bases!

Eu tinha tantas perguntas, mas era inútil. Cau Thon seria apenas mais um oráculo. O que devo fazer agora? Talvez fosse melhor abrir o capacete espacial e morrer. Qual o significado da minha vida agora?

— Eu sinto a sua dúvida. Mas não desista de você. Agora Perry Rhodan ganhou. Você quer fazer história e viver uma vida em que vão respeitá-lo, porque você vai participar de algo importante. Chegou a hora de fazê-lo.

— Como? — eu resmunguei desesperadamente.

— Assuma o seu destino. Você não é um seguidor de Perry Rhodan, que é seu inimigo. Enfraqueça Camelot, LTL e Árcon para controlar a Via Láctea.

Eu? Eu deverei dominar a Via Láctea? Um pensamento tentador. Gostaria de mudar tanta coisa, se eu tivesse o poder de fazê-lo. Mas eu não possuía.

— E como eu posso fazer isso? Com este louco mashratano talvez?

Eu não poderia ajudar esse ser ridículo. Cau Thon riu de novo.

— Não, esses são meios para o propósito. Assim como a Mordred. As forças que estão por trás dele são cruciais.

Mas ele não me disse sim! Nós girávamos num círculo. Eu estava ficando impaciente. Cau Thon parece notar isto.

— Você seguirá por enquanto, as ordens do número um da Mordred. Ele é capaz e rico em experiência. Vai desafiar Rhodan. Sem Rhodan, cai a Via Láctea. O portador de ativador celular é como sempre a chave — continuou Cau Thon.

Um *flash* de luz iluminou o firmamento por um breve momento. Olhei para cima e vi uma outra espaçonave rumo ao asteroide ou lua.

— Estes são os seus aliados. A poderosa nação de uma galáxia distante.

A espaçonave era enorme, de fato. Era como uma águia de aço. A envergadura tinha mais de mil metros, bem como o comprimento da espaçonave espacial estrangeira.

Sim, parecia verdadeiramente poderosa.

— Os *dorgonenses* irão apoiá-lo nos planos, antes que a sua guerra comece com Camelot — explicou Cau Thon.

— E você?

— Bem, eu vou deixar a Via Láctea. Mas eu tenho um presente de despedida para você.

Cau Thon tirou uma espada longa, dourada e entregou para mim. Que ironia. Um cavaleiro, claro, também possui uma espada. Que a arma antiquada pudesse ser útil eu duvidava.

— Leve esta espada com orgulho e dignidade. É de carit, uma liga de substância ultimatoss⁶. Esta espada irá sempre ajudá-lo na batalha.

6 Nota do revisor: uma substância final — ultimatoss — é um material dos Cosmocratas, um material final que representa o de mais valioso, que o nosso universo padrão tem para oferecer. Neste material ultimatoss estão as energia *quanta* do vácuo. De acordo com o princípio da incerteza de Heisenberg, o teor de energia de um *quantum* é maior, quanto menor é a sua vida útil. Uma vez que os *quanta* de energia da substância ultimatoss vai e vem em tempo quase zero, ela têm um conteúdo energético praticamente infinito. O material ultimatoss e capturados e preservado nas Fábricas Cósmicas — MATÉRIA por exemplo. O transporte e armazenamento

Eu a peguei. Era leve como uma pena, apesar do tamanho e comprimento. Diziam que um material final era usado por Cosmocratas. Esta espada era um sinal do poder de Cau Thon. Eu confiava nele agora. Ele tinha me demonstrado ser confiável com a impressionante nave espacial dos dorgonenses e da entrega da espada e não apenas com palavras vazias atrás de suas declarações.

Cau Thon me agarrou pelos ombros.

— Irmão! Nós nos encontraremos de novo. Eu conto com você. Lute contra Rhodan e mude o destino de sua galáxia de origem para melhor. Quando a sua missão estiver completa, nossos caminhos se cruzarão novamente.

Eu queria dizer algo, mas Cau Thon desapareceu de um segundo para o outro. O feixe azul se apagou e a espaçonave em forma de H deixou o asteroide.

Olhei para a espada de carit e embalei-a nas mãos, enquanto a imponente nave estelar dorgonense em forma de águia pairava logo acima da estação espacial.

Minha decisão foi tomada. Eu passaria a servir a Mordred e me vingaria de Perry Rhodan e seus vassalos.

Pois isso era o meu destino agora. O camelotiano Cauthon Despair estava morto. Queimado no fogo, causado por seu próprio povo. Tudo o que já significou algo para mim estava morto ou tinha me traído.

Mas eu sobrevivi. Um novo Cauthon Despair nasceu.

O Cavaleiro Prateado.

FIM

O destino de Cauthon Despair tomou um rumo trágico. A partir de um jovem e deprimido, um Cavaleiro Prateado se formou. Ele finalmente seguiu o seu caminho como o Filho do Caos.

No próximo volume o enredo continuará a partir de 1285 NCG. É sobre o voo inaugural da mais nova nave espacial de luxo da Liga Hanseática Cósmica.

Dorgon 4, que também foi escrito por Nils Hirseland e publicado sob o título:

O VOO DA LONDON

acontece nos, praticamente indestrutíveis, recipientes especiais em forma de dedal. Uma fábrica cósmica junta em mil anos, cerca de 50 gramas da substância ultimatós. Lá, a cada meia hora - em espaço intergaláctico - e a cada poucos segundos - na borda do buraco negro central galáctico - preserva um único *quantum* de energia. Nenhum esforço é demasiado elevado. Mesmo a menor partícula é sugada. Uma substância final é utilizado pelos poderes a fim de influenciar os Mensageiro do Cosmonucleotídeo, ou para a praticamente indestrutível liga de CARIT. Grande parte das substâncias ultimatós recuperada é enviada para as Fontes de Matéria porque os Cosmocratas precisam dele para fins desconhecidos.

Comentário

Com este romance a infância e juventude do nosso “Cavaleiro Prateado” foi concluída. E da criança infeliz e insegura, sob a orientação de seu “irmão espiritual” manipulador Cau Thon, se torna um homem de força implacável que, pelo menos por enquanto, segue fielmente os ideais aparentes de Mordred. E, porque eu não falo certamente nenhum segredo, a pessoa do mais novo “Filho do Caos” estará conosco no futuro.

Nos próximos romances acontecerá a história de um projeto ambicioso da Liga Hanseática Cósmica em primeiro plano, que foi publicado antes do aparecimento na “velha” série Dorgon como prequel. O voo da LONDON — também teve seu conteúdo revisto com o estilo de Nils e adaptado ao desenvolvimento futuro do cosmos de Dorgon.

Estamos todos ansiosos para os próximos episódios e seguirmos a Perry Rhodan e ao somerense Sam, assim como muitos personagens bem conhecidos, novos e antigos, numa viagem que deve começar como turistas, sem experiência e, em seguida, como um pesadelo absoluto.

Jürgen Freier

GLOSSÁRIO

Cauthon Despair

Cauthon Despair nasceu em 02 de outubro de 1264 NCG no planeta Neles. A sua mãe Selina vem da Terra, seu pai Ivan de Nosmo. Os pais de Cauthon eram cientistas trabalhando em Camelot e ajudavam no desenvolvimento de Neles, quando ele nasceu.

Antes de seu nascimento, o DNA de Cauthon foi manipulada pelo Filho do Caos Cau Thon, que no entanto, apareceu oficialmente como um amigo e salva-vidas de Cauthon Despair. Então, os pais decidiram batizar seu filho depois com o nome do patrono estrangeiro. O nome é, no entanto, muito anglo-terrano.

A partir de seu destino a criança pequena não sabe quem ela é. Diz-se ser um filho do Caos. Cau Thon assassinou a equipe de cientistas, incluindo os pais de Despair. No entanto, ninguém sabe que Cau Thon é o assassino. Cauthon sobrevive sozinho — alimentado por robôs médicos — em novembro de 1264 NCG vai para Camelot. Lá, ele é colocado sob a custódia da irmã de Selina Despair, Lesla Genero, que deve criar o menino com seu marido Tuzz.

Os primeiros anos de vida são perdidos para garoto tímido e solitário, que vive sem ser amado. Para seu tio e a sua tia, ele é uma pedra no caminho e foi perseguido por seus colegas até os oito anos. O menino se sente só e abandonado.

1273 NCG

Até a idade de oito anos Cauthon é negligenciado por seu tio e a sua tia e escarnecido na escola. O único amigo do rapaz é um servorrobô chamado Robbie.

1275 NCG

Cauthon se encontra na escola com Perry Rhodan, que faz um discurso no auditório da escola. Wirsal Cell, o instrutor-chefe da Academia Espacial camelotiana, localiza Despair e convence Rhodan a levar o garoto para Mashratan porque o administrador quer conhecer um jovem de Camelot. Rhodan concorda — após preocupações iniciais.

Meados de 1275 — Cauthon Despair, Perry Rhodan e o rato castor Gucky voam para Mashratan. Lá Cauthon conhece a mestiça arcônida Rosan Mulltok e é sequestrado junto com ela por pessoas desconhecidas, mas salvos por Gucky. A pedido de Cauthon, Gucky e Rhodan libertam uma escrava mashratana. Gazh Ala Nagoti el Finya que chama, portanto, Cauthon de seu Cavaleiro.

1276 NCG

O servorrobô de CauThon, Robbie, é destruído por seus colegas de escola. Naquela noite Cau Thon procura os meninos e os pune por matar Robbie. Cauthon não quer matar apesar de poder, mas Cau Thon os mata.

1282 NCG

Cauthon Despair matriculou-se na Academia de espaço e confiante na sua capacidade teórica e prática. Ele se apaixona pela colega Zantra Solynger, mas ela não retribui o seu amor, apesar de muita atenção da sua parte. Para Cauthon o mundo desmorona. Pouco tempo depois, ele sabe por Wirsal Cell que Rhodan tem sido hipócrita em relação à morte dos pais de Cauthon.

1283 NCG

Quando numa operação de resgate de Gazh Ala Nagoti el Finya morre, Despair fica intrigado por ter sido pego por fogo amigo de espaçonaves camelotianas e terranas em Mashratan. Várias partes do seu corpo são substituídas e a sua armadura de prata é criada. Daí em diante, ele é chamado de O Cavaleiro Prateado.

Cau Thon aconselha Despair a se juntar à organização terrorista Mordred para criar uma nova ordem na Galáxia.

Zantra Solynger

Nascida em 31/12/1265 NCG, passou os primeiros anos da juventude na Terra, mais tarde, no mundo Sverigor. Após seus pais se divorciarem, ela se mudou com a sua mãe na idade de oito anos para Camelot.

Zantra tem 1,66 metro de altura, cabelos longos e lisos de um louro avermelhado, profundos olhos azuis e um grande e proeminente nariz.

Em 1282 NCG ela começa seu treinamento na Academia Espacial em Port Arthur, Camelot. Lá ela conhece Cauthon Despair que se apaixona por Zantra. Mas Zantra tem apenas uma amizade com Cauthon, nascida do tédio por sua vida. Ela se apaixona por um cadete espacial chamado Ygor e diz a Despair, em dezembro 1282 NCG, que ele a levará com ele para Sverigor para completar a sua educação na representação local de Camelot. Após Cauthon Despair bater em seu amante, ela o manda embora e não quer mais nada a ver com ele.

Gazh Ala Nagoti el Finya

Gazh Ala nasceu em 1247 NCG em Mashratan. Tem uma estatura pequena pois tem 1,59 metro e 51 quilos. Ela usa um cabelo escuro muito longo e seus olhos são castanhos.

Ela fazia parte do harém do coronel Kerkum. Como nasceu em Mashratan tem uma posição mais elevada em comparação com as escravas que vêm de outros planetas. Gazh Ala foi abusada na infância no Tuffa-jab-jab. Depois que a sua virgindade foi perdida, era considerada impura em Mashratan e, portanto, não era um bom partido como uma esposa. É por isso que ela vivia na condição de escrava.

Gazh Ala cuidou, em 1275 NCG, junto com Yasmin el Kerkum de duas crianças, Cauthon Despair e Rosan Mulltok. Ela testemunhou o rapto de Cauthon e Rosan. Ela foi responsabilizada depois por isso. Ela é torturada, mas isso não convence Perry Rhodan.

Após o resgate bem-sucedido de Cauthon e tendo Gucky como mentor, Despair pede a Rhodan que Gazh Ala também seja libertada. Rhodan e Gucky retornam para Mashratan e ajudam a mashratana a fugir.

Ela recebe formação em Camelot e desde então tem sido usada como um membro da equipe de informações de Camelot em Terrânia. Ela mantinha contato com o escritor e cronista Jaaron Jargon.

Gazh Ala se torna vítima de um ataque terrorista do coronel Kerkum a Terrânia no fim de 1282 NCG. A Representação de Camelot é atacada e Gazh Ala sequestrada. Em Mashratan é acusada de traição e de fornicação com o diabo. Pouco antes de sua execução, Cauthon Despair a salva. Mas, durante um bombardeio das tropas de combate camelotianas e terranas, Gazh Ala Nagoti el Finya morre em janeiro de 1283 NCG.

Caça espacial

Os caças espaciais eram utilizados para a defesa do sistema terrano e eram naves espaciais especiais para batalha. A estrutura tinha uma estreita e alongada cabine, que não tinha propriedades aerodinâmicas, parecia uma piranha. O armamento era enorme, para um caça espacial, com três canhões conversores e a fantástica capacidade de destruição de 500 gigatons.

Além da função principal de aplicação na defesa do sistema, estes caças tem grande autonomia de voo. O suficiente para operar em toda a Via Láctea.